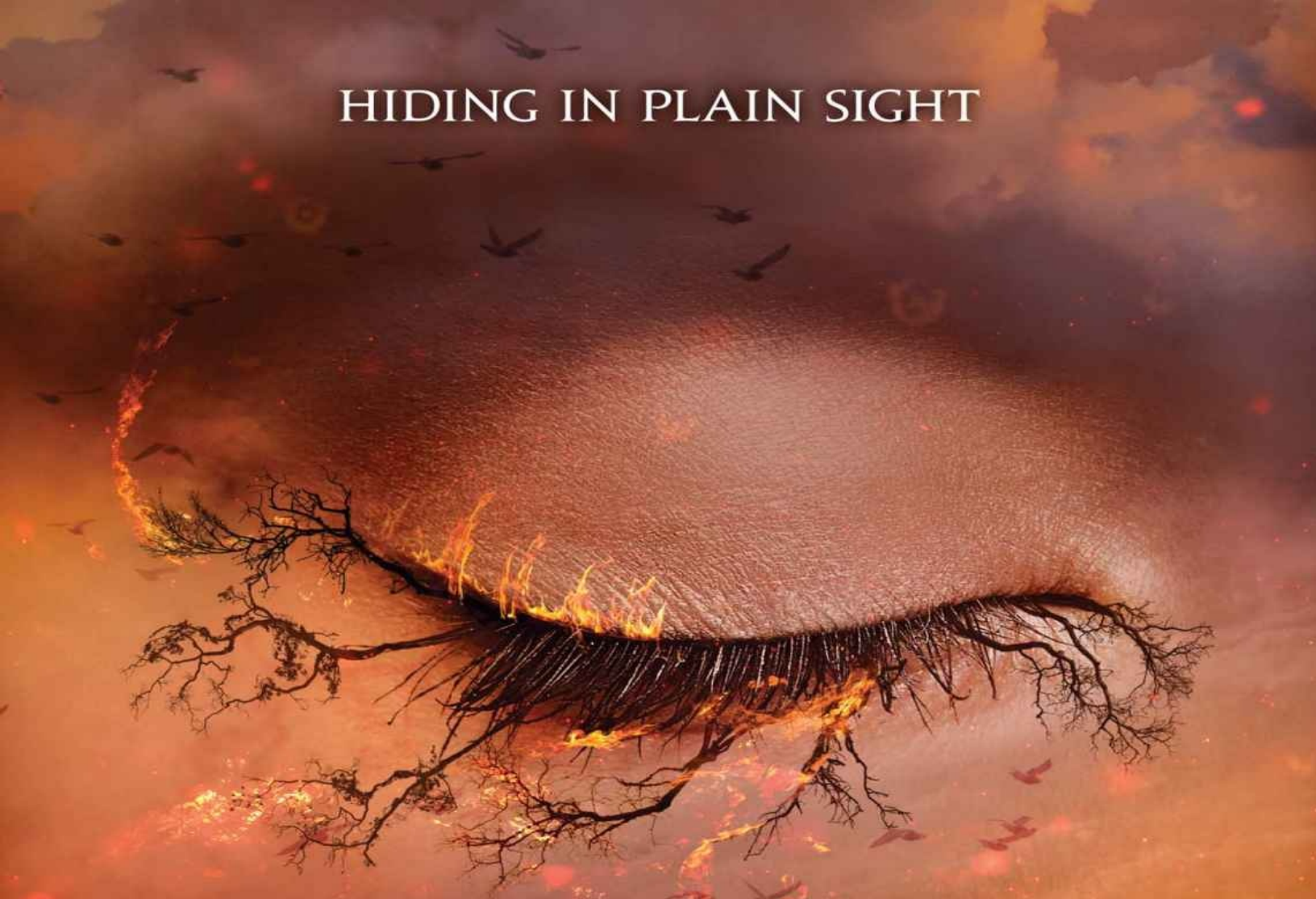
HIDING IN PLAIN SIGHT



SHADOW ME

A SHATTER ME NOVELLA

TAHEREH MAFI

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF THE SHATTER ME SERIES

SHADOW ME

TAHEREH MAFI

HARPER
An Imprint of HarperCollins*Publishers*

Conteúdo

Capa
Title Page

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito

Sobre a Autora
Livros de Tahereh Mafi
Back Ad
Copyright
Sobre a Editora

Tradução feita pela WhitethornTeca: Drive e Traduções.

Siga o nosso Twitter: @whitethornteca

Um

Eu já estou acordado quando o meu alarme dispara, mas ainda não abri os olhos. Eu estou muito cansado. Meus músculos estão tensos, ainda extremamente doloridos de uma intensa sessão de treinamento dois dias atrás, e meu corpo parece pesado. Morto.

Meu cérebro dói.

O alarme é estridente e persistente. Eu ignoro isso. Eu estico os músculos do meu pescoço e gemo baixinho. O relógio não vai parar de tocar. Alguém bate forte na parede perto da minha cabeça, e ouço a voz abafada de Adam gritando para eu desligar o alarme.

— Todas as manhãs. — ele grita. — Você faz isso todas as manhãs. Juro por Deus, Kenji, um dia desses eu vou entrar aí e destruir essa coisa.

—Tudo bem. — eu murmuro, principalmente para mim mesmo.

— Tudo certo. Acalme-se.

— *Desligue isso*.

Eu tomo uma respiração profunda e irregular. Bato cegamente no relógio até que ele para de tocar. Nós finalmente conseguimos nossos próprios quartos na base, mas eu ainda não consigo encontrar a paz. Ou privacidade. Essas paredes são finas como papel e Adam não mudou nem um pouco. Ainda mal-humorado. Nenhum senso de humor. Geralmente irritado. Às vezes nem lembro porque somos amigos.

Com algum esforço, eu me arrasto para uma posição sentado.

Eu esfrego meus olhos, fazendo uma lista mental de todas as coisas que tenho que fazer hoje, e então, de repente, uma corrida horrível— Eu lembro o que aconteceu ontem.

Jesus.

Tanto drama em um dia que dificilmente posso manter tudo em ordem.

Aparentemente, Juliette tem uma irmã há muito perdida.

Aparentemente Warner torturou a irmã de Juliette. Warner e Juliette se separaram. Juliette correu gritando. Warner teve um ataque de pânico. A ex-

namorada da Warner apareceu. Sua ex-namorada deu um *tapa* nele. Juliette ficou bêbada. Não, espere—ficou bêbada *e* raspou a cabeça. E então eu vi Juliette de calcinha – uma imagem que eu ainda estou tentando apagar da minha mente—e então, como se tudo isso não fosse o suficiente para lidar, depois do jantar da noite passada, eu fiz uma coisa muito, muito estúpida.

Eu deixo cair minha cabeça em minhas mãos e me odeio, lembrando. Uma nova onda de constrangimento me atinge com força e respiro fundo novamente. Forço-me a olhar para cima. Para limpar meus pensamentos.

Nem tudo é horrível.

Eu tenho meu próprio quarto agora—um pequeno quarto— mas meu próprio quarto com uma janela e uma visão de unidades industriais AC. Eu tenho uma mesa. Uma cama. Um armário básico.

Eu ainda tenho que dividir um banheiro com alguns dos outros caras, mas não posso reclamar. Um quarto só para mim é um luxo que não tenho há algum tempo. É bom ter espaço no final da noite para ficar sozinho com meus pensamentos. Em algum lugar para pendurar o rosto feliz que eu me forço a usar mesmo quando estou tendo um dia de merda.

Estou grato.

Estou exausto, sobrecarregado e estressado, mas agradeço.

Eu me forço a dizer isso em voz alta. *Estou grato.* Eu levo alguns momentos para sentir isso. Reconhecer isso. Eu me forço a sorrir, a apertar a tensão no meu rosto que, de outra forma, seria fácil demais para a raiva. Eu sussurro um rápido agradecimento ao desconhecido, ao ar, aos fantasmas solitários, escutando minhas conversas particulares com ninguém. Eu tenho um teto sobre minha cabeça e roupas nas minhas costas e comida esperando por mim todas as manhãs. Eu tenho amigos. Uma família improvisada. Estou sozinho mas não estou solitário. Meu corpo funciona, meu cérebro funciona, eu estou vivo. É uma boa vida. Eu tenho que fazer um esforço consciente para lembrar disso. Escolher ser feliz todos os dias. Se não, acho que minha própria dor me mataria há muito tempo.

Estou grato.

Alguém bate na minha porta—duas batidas fortes—e eu pulo de pé, assustado. A batida é incomumente formal; a maioria de nós nem se incomoda com a cortesia.

Eu puxo um par de calças de moletom e, timidamente, abro a porta.

Warner.

Meus olhos se arregalam quando olho para ele de cima a baixo.

Eu não acho que ele tenha aparecido em meu quarto antes, e eu não posso decidir o que é mais estranho: o fato de ele estar aqui ou o fato dele parecer tão

normal. Bem, normal para a Warner. Ele parece exatamente como ele sempre pareceu. Brilhante. Polido.

Estranhamente calmo e inteiro para alguém cuja namorada o largou no dia anterior. Você nunca saberia que ele era o mesmo cara que, no rescaldo, eu encontrei deitado no chão tendo um ataque de pânico.

— Uh, hey. — Eu limpo o sono da minha garganta. — O que está acontecendo?

— Você acabou de acordar? — Ele diz, olhando para mim como se eu fosse um inseto.

— São seis da manhã. Todos nessa ala acordam às seis da manhã. Você não precisa parecer tão desapontado.

Warner espia por mim, entra no meu quarto e, por um momento, não diz nada. Então, calmamente: — Kishimoto, se eu considerasse os padrões medíocres dos outros uma medida suficiente para medir minhas próprias realizações, eu nunca teria feito nada. — Ele olha para cima, encontra meus olhos. — Você deveria exigir mais de si mesmo. Você é totalmente capaz.

— Você está...? — Eu pisquei, atordoado. — Perdão, essa foi sua ideia de um elogio?

Ele olha para mim, o rosto impassível.

— Vista-se.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Você está me levando para o café da manhã?

— Temos mais três convidados inesperados. Eles acabaram de chegar.

— *Oh*. — Eu dou um passo inconsciente de volta. — Ah. Merda.

— Sim.

— Mais filhos dos comandantes supremos?

Warner assente.

— Eles são perigosos? — Eu pergunto.

Warner quase sorri, mas parece infeliz.

— Eles estariam aqui se não fossem?

— Certo. — Eu suspiro. — Bom ponto.

— Encontre-me lá embaixo em cinco minutos, e eu vou te manter informado.

— Cinco minutos? — Meus olhos se arregalam. — Uh-uh, de jeito nenhum. Eu preciso tomar um banho. Eu nem sequer tomei café da manhã...

— Se você tivesse acordado às três, teria tido tempo para tudo isso e muito mais.

— Três da manhã? — Eu fico boquiaberto com ele. — Você está louco?

E quando ele diz, sem uma pitada de ironia— — Não mais do que o habitual.

É claro para mim que esse cara não está bem.

Eu suspiro, forte, e me afasto, me odiando por sempre perceber esse tipo de coisa, e me odiando ainda mais pela minha constante necessidade de acompanhar. Eu não posso evitar. Castle me disse uma vez quando eu era criança: ele me disse que eu era incomumente compassivo. Eu nunca pensei sobre isso assim—com palavras, com uma explicação—até que ele disse para mim. Eu sempre odiei isso em mim mesmo, que eu não poderia ser mais difícil. Odiava ter chorado tanto quando vi um pássaro morto pela primeira vez. Ou que eu costumava levar para casa todos os animais perdidos que encontrei até Castle finalmente me dizer que eu tinha que parar, que não tínhamos os recursos para manter todos eles. Eu tinha doze anos. Ele me fez deixá-los ir, e eu chorei por uma semana.

Eu odiava que eu tinha chorado. Odiava que eu não pudesse evitar.

Todo mundo achava que eu não devo a mínima—que eu não deveria —mas eu faço. Eu sempre faço.

E eu dou a mínima para esse idiota também.

Então eu respiro fundo e digo: — Ei, cara – você está bem?

— Estou bem. — Sua resposta é rápida. Fria.

Eu poderia deixar passar.

Ele está saindo. Eu deveria aceitar. Eu deveria aceitar e fingir que não percebo a tensão em sua mandíbula ou o olhar vermelho cru ao redor dos olhos. Eu tenho meus próprios problemas, meus próprios fardos, minha própria dor e frustração e, além disso, ninguém nunca me pergunta sobre o meu dia. Ninguém nunca me acompanha, ninguém nunca se incomodou em olhar sob a superfície do meu sorriso. Então, por que eu deveria me importar?

Eu não deveria.

Deixe isso para lá, digo a mim mesmo.

Eu abro minha boca para mudar de assunto. Abro a boca para seguir em frente e, em vez disso, ouço-me dizer: — Vamos, cara. Nós dois sabemos que isso é besteira.

Warner olha para o lado. Um músculo salta em sua mandíbula.

— Você teve um dia difícil ontem. — eu digo. — Está tudo bem em ter uma manhã difícil também.

Depois de uma longa pausa, ele diz: — Estou acordado há algum tempo.

Eu solto um suspiro. Não é nada que eu não esperava.

— Eu sinto muito. — eu digo. — Eu entendi.

Ele olha para cima. Encontra meus olhos.

— Você entende?

— Sim. Eu entendo.

— Eu não acho que você entenda, na verdade. Na verdade, espero que não.

Eu não quero que você saiba como me sinto agora.

Eu não desejaria isso para você.

Isso me atinge mais do que eu esperava. Por um momento eu não sei o que dizer.

Eu decido encarar o chão.

— Você já a viu? — Eu pergunto.

E então, tão baixinho que quase não escuto— — Não.

Merda. Esse garoto está partindo meu coração.

— Não tenha pena de mim. — diz ele, seus olhos brilhando quando encontram os meus.

— O que? Eu não – eu não estou...

— Vista-se. — diz Warner bruscamente. — Eu vou te ver lá embaixo.

Eu pisco, assustado.

— Certo. — eu digo. — Legal. OK.

E então ele se foi.

Dois

Eu fico na porta por um minuto, passando minhas mãos pelo meu cabelo e tentando me convencer a me mover. Eu desenvolvi uma dor de cabeça súbita. De alguma forma, eu me tornei um ímã para a dor. Dor de outras pessoas. Minha própria dor. O problema é que não tenho ninguém para culpar além de mim mesmo. Eu faço as perguntas que me levam até aqui. Eu me importo demais. Eu faço o meu negócio quando eu não deveria, e eu só pareço ficar na merda por isso.

Eu sacudo minha cabeça e então— *estremeço*.

A única coisa que Warner e eu parecemos ter em comum é que nós dois gostamos de desabafar na academia. Eu empurrei muito peso no outro dia e não me alonguei depois—e agora estou pagando por isso. Eu mal posso levantar meus braços.

Eu respiro fundo, arqueio as costas. Alongo meu pescoço. Tento consertar os nós no meu ombro.

Eu ouço alguém assobiar pelo corredor e olho para cima. Lily pisca para mim de uma maneira óbvia e exagerada, e eu reviro os olhos. Eu realmente gostaria de ser lisonjeado, porque eu não sou modesto o suficiente para negar que eu tenho um corpo legal, mas a Lily não poderia dar menos importância por mim. Em vez disso, ela faz isso— zomba de mim por andar sem camisa—quase todas as manhãs. Ela *e* Ian. Juntos. Os dois estão namorando há alguns meses.

— Olhando bem, cara. — Ian sorri. — Isso é suor ou óleo de bebê? Você é tão brilhante.

Eu lhe mostro o dedo.

— Essa boxer roxa está realmente trabalhando para você. — diz Lily. — Boa escolha. Ela se adequa ao seu tom de pele.

Eu me viro para ela com um olhar incrédulo. Eu posso não estar vestindo uma camisa, mas estou definitivamente— eu olho para baixo —vestindo calças de moletom. Minha cueca não está à vista. — Como você *poderia* saber a cor da minha boxer?

— Memória fotográfica. — diz ela, batendo na têmpora.

— Lil, isso não significa que você tem visão de raios-X.

— Você está usando cueca roxa? — A voz de Winston—e um cheiro distinto de café—continua pelo corredor. — Isso é inspirador.

— Tudo bem, foda-se, todos vocês.

— Ei— Whoa— Achei que você não estava autorizado a usar linguagem chula. — Winston aparece, suas botas pesadas no chão de concreto. Ele está lutando contra uma risada quando ele diz: — Eu pensei que você e Castle tinham um acordo.

— Isso não é verdade. — eu digo, apontando para ele. — Castle e eu concordamos que eu poderia dizer *merda* tanto quanto eu quiser.

Winston levanta as sobrancelhas.

— De qualquer forma. — murmuro. — Castle não está aqui agora, não é? Então, mantenho minha declaração original. Foda-se, todos vocês.

Winston ri, Ian balança a cabeça e Lily finge estar ofendida quando— — Eu definitivamente *estou* aqui agora, e ouvi isso. — Castle declara de seu escritório.

Eu me encolho.

Eu costumava xingar profusamente na adolescência—muito pior do que agora—e isso realmente incomodava Castle. Ele disse que estava preocupado que eu nunca encontrasse uma maneira de articular minhas emoções sem raiva. Ele queria que eu me acalmasse quando eu falasse, para usar palavras específicas para descrever como eu estava me sentindo, em vez de gritar obscenidades. Ele parecia tão preocupado com isso que eu concordei em diminuir meu vocabulário. Mas fiz essa promessa há quatro anos e, por mais que eu ame Castle, muitas vezes me arrependo.

— Kenji? — Castle fala novamente. Eu sei que ele está esperando por um pedido de desculpas.

Eu espio pelo corredor e vejo sua porta aberta. Estamos todos apertados uns contra os outros, mesmo com as novas acomodações.

Warner basicamente teve que reinventar este andar, e precisou de muito trabalho e sacrifício, então, novamente, eu não estou reclamando.

Mas ainda assim É difícil não ficar incomodado com a enorme falta de privacidade.

— Foi mal. — eu grito de volta.

Eu posso realmente ouvir Castle suspirar, mesmo do outro lado do corredor.

— Uma exibição comovente de remorso. — diz Winston.

— Tudo bem, o show acabou. — Eu aceno a todos eles. — Eu tenho que tomar banho.

— Sim, você tem. — diz Ian, levantando uma sobrancelha.

Eu balancei minha cabeça, exausto.

— Eu não posso acreditar que eu aturo vocês idiotas.

Ian ri.

— Você sabe que eu estou brincando com você, certo? — Quando eu não respondo, ele diz: — Sério—você parece bem.

Devemos ir a academia mais tarde. Eu preciso de alguém para me identificar.

Concordo com a cabeça, apenas um pouco apaziguado, e murmuro um adeus. Eu volto para o meu quarto para pegar minha toalha, mas Winston me segue, se inclina contra o batente da porta. É

só então que eu noto que ele está segurando um copo de papel para viagem.

Meus olhos se iluminam.

— Isso é café?

Winston se afasta da porta, horrorizado.

— É o *meu* café.

— Entregue-o.

— O que? Não.

Eu estreito meus olhos para ele.

— Por que você não consegue o seu próprio?. — Ele diz, empurrando os óculos na ponta do nariz. — Esta é apenas a minha segunda caneca. Você sabe que leva pelo menos três antes que eu esteja meio acordado.

— Sim, bem, eu tenho que descer em cinco minutos ou Warner vai me matar e eu ainda não tomei café da manhã e já estou exausto e eu realmente— — Tudo bem. — O rosto de Winston escurece quando ele entrega. — Seu monstro.

Eu tomo o copo.

— Eu sou uma maldita *alegria*.

Winston resmunga algo em voz baixa.

— Ei — tomo um gole do café. — A propósito – você, uh?

O pescoço de Winston fica de repente vermelho. Ele desvia os olhos.

— Não.

Eu levanto minha mão livre.

— Ei— sem pressão ou qualquer coisa. Eu estava apenas me perguntando.

— Ainda estou esperando o momento certo. — diz ele.

— Legal. Claro. Estou muito contente por você, isso é tudo.

Winston olha para cima. Me lança um sorriso incerto.

Winston está apaixonado por Brendan há muito tempo, mas sou o único que sabe disso. Winston nunca pensou que Brendan estaria interessado, porque, até onde sabemos, ele só namorava mulheres, mas há alguns meses atrás Brendan estava a fim, brevemente, desse outro cara do Ponto, e foi aí que Winston se abriu para mim sobre a coisa toda. Ele me pediu para guardar segredo, disse que

queria ser o único a falar sobre isso quando parecesse certo, e ele está tentando criar coragem para dizer algo a Brendan desde então.

O problema é que Winston acha que ele é um pouco velho para Brendan, e teme que, se Brendan recusar, possa arruinar sua amizade. Então ele está esperando. Pelo momento certo.

Eu bato no ombro dele.

— Estou feliz por você, cara.

Winston solta uma risada ofegante e nervosa que é diferente dele.

— Não fique feliz demais ainda. — diz ele. E então ele balança a cabeça como se quisesse limpá-la. — De qualquer forma— aproveite o café. Eu preciso pegar outro.

Eu levanto o copo de café em um gesto que diz tanto *obrigado* quanto *adeus*, e quando me viro para pegar minhas coisas para um banho rápido, meu sorriso escorrega. De alguma forma eu não posso evitar ser lembrado, o tempo todo, da minha própria solidão.

Eu termino o café em alguns goles rápidos e profundos e jogo o copo fora. Silenciosamente, eu faço o meu caminho para o chuveiro, meus movimentos mecânicos quando ligo a água. Tirar a roupa. Me ensaboar. Enxaguar. Tanto faz.

Estou congelado por um momento, observando a piscina de água nas minhas mãos viradas para cima. Eu suspiro, pressiono minha testa na telha fria e lisa enquanto a água quente me cobre as costas. Sinto uma certa medida de alívio quando meus músculos começam a relaxar, o calor e o vapor liberando nós de tensão sob minha pele. Eu tento me concentrar no luxo desse banho, na minha gratidão por esse milagre de água quente, mas meus pensamentos menos graciosos continuam circulando, bicando meu coração e minha mente como abutres emocionais.

Estou muito feliz pelos meus amigos. Eu os amo, mesmo quando eles me irritam. Eu me importo com eles. Eu quero a alegria deles. Mas ainda dói um pouco quando parece que, em todos os lugares que eu olho, todo mundo parece ter alguém.

Todos menos eu.

É louco o quanto eu gostaria de não me importar. Eu queria tanto, o tempo todo, não dar a mínima para esse tipo de coisa— que eu poderia ser como Warner, uma ilha congelada e implacável; ou até mesmo como Adam, que encontrou sua felicidade na família, em seu relacionamento com seu irmão— mas eu não sou como nenhum dos dois. Em vez disso, sou um coração grande, cru e sangrando, e passo meus dias fingindo não perceber que quero mais. Que eu preciso de mais.

Talvez pareça estranho dizer, mas sei que poderia amar as partes ruins de

alguém. Eu sinto isso no meu coração. Essa capacidade de amar. Ser romântico e apaixonado. Como se fosse uma superpotência que eu tenho. Um presente mesmo.

E não tenho ninguém com quem compartilhar.

Todo mundo acha que eu sou uma piada.

Eu corro minhas mãos pelo meu rosto, fechando meus olhos enquanto lembro da minha interação com Nazeera na noite passada.

Ela veio até *mim*, eu tento me lembrar.

Eu nunca me aproximei dela. Eu nem tentei falar com ela novamente, não depois daquele dia na praia, quando ela deixou claro que ela não estava nem um pouco interessada em mim. Embora não seja como se eu tivesse tido a chance de falar com ela depois disso, de qualquer maneira; tudo ficou louco depois disso. J levou um tiro e todo mundo estava se recuperando, e então toda essa merda com Warner e Juliette aconteceu, e agora aqui estamos nós.

Mas ontem à noite eu estava apenas cuidando da minha própria vida, ainda tentando descobrir o que fazer com o fato de que nossa comandante suprema estava lentamente marinando em meio litro do melhor uísque de Anderson, quando Nazeera se aproximou de mim.

Apareceu do nada. Foi logo depois do jantar—inferno, ela nem estava presente no jantar—e ela só apareceu, como uma aparição, me encurralando quando eu estava saindo da sala de jantar. Literalmente me apoiou em um canto e me perguntou se era verdade, que eu tinha o poder da invisibilidade.

Ela parecia tão brava. Eu estava tão confuso. Eu não sabia como ela sabia e eu não sabia por que ela se importava, mas lá estava ela, bem na minha frente, exigindo uma resposta, e eu não via o mal em dizer a ela a verdade.

Então eu disse sim, era verdade. E ela pareceu subitamente mais irritada.

— Por quê? — Eu disse.

— Por quê o que? — Seus olhos brilharam, grandes e largos e elétricos com sentimento. Ela estava usando um capuz de couro, e as luzes de um candelabro nas proximidades refletiam o piercing de diamante perto de seu lábio inferior. Eu não conseguia parar de olhar para a boca dela. Seus lábios estavam ligeiramente separados.

Cheios. Suaves.

Eu me forcei a olhar para cima.

— O que?

Ela estreitou os olhos.

— Do que você está falando?

— Eu pensei— me desculpe, o que estamos falando?

Ela se virou, mas não antes de eu ver o olhar de descrença em seu rosto.

Pode ter havido indignação também. E então, rapidamente, ela se virou de novo.

— Você está apenas fingindo ser burro o tempo todo? Ou você sempre fala como se estivesse bêbado?

Eu congelo. Dor e confusão rodaram na minha cabeça. Dor do insulto e confusão de— Sim, eu não tinha ideia do que estava acontecendo.

— O quê? — Eu disse novamente. — Eu não falo como se estivesse bêbado.

— Você está olhando para mim como se estivesse bêbado.

Merda, ela era bonita.

— Eu não estou bêbado. — eu disse. Estupidamente. E então eu balancei minha cabeça e lembrei de ficar com raiva—ela acabou de me insultar, afinal de contas—e eu disse: — De qualquer forma, você é quem veio a mim, lembra? Você começou essa conversa. E

eu não sei porque você está tão brava— Inferno, eu nem sei porque você se importa. Não é minha culpa que eu possa ser invisível.

Aconteceu comigo.

E então ela empurrou seu capuz para trás de seu rosto e seu cabelo sacudiu, escuro e sedoso e pesado, e ela disse algo que eu não ouvi porque meu cérebro estava pirando, tipo, deveria dizer a ela que eu posso ver o cabelo dela? Ela sabe que eu posso ver o cabelo dela? Ela quis que eu visse o cabelo dela? Ela iria surtar, agora mesmo, se eu dissesse a ela que eu podia ver o cabelo dela? Mas também, para o caso de eu não estar vendo o cabelo dela agora, não queria dizer a ela que podia ver o cabelo dela, porque tinha medo de que ela o cobrisse de novo e, se estava sendo honesto, estava gostando muito da vista.

Ela estalou os dedos no meu rosto.

Eu pisquei.

— O quê? — E então, percebendo que eu tinha usado demais essa palavra hoje à noite, eu adicionei um — Hmm?

— Você não está me ouvindo.

— Eu posso ver o seu cabelo. — eu disse, e apontei.

Ela respirou profundamente, irritada. Ela parecia impaciente.

— Eu nem sempre cubro meu cabelo, você sabe.

Eu balancei a cabeça.

— Não. — eu disse baixinho. — Eu não sabia disso.

— Eu não poderia, mesmo que quisesse. É ilegal, lembra?

Eu fiz uma careta.

— Então por que você está cobrindo o cabelo? E por que você me deu um tempo difícil sobre isso?

Ela tirou o capuz de seus ombros e cruzou os braços. Seu cabelo era comprido. Sombrio. Seus olhos eram profundos. Eles eram uma luz, cor de mel,

brilhante contra sua pele marrom. Ela era tão bonita que estava me assustando.

— Eu conheço muitas mulheres que perderam o direito de se vestir assim por causa do Restabelecimento. Havia uma enorme população muçulmana na Ásia, você sabia disso?

Ela não espera que eu responda.

— Eu tive que assistir, em silêncio, como meu próprio pai enviou os decretos para ter as mulheres despidas. Soldados desfilavam pelas ruas e rasgavam as roupas de seus corpos. Rasgavam os lenços de suas cabeças e publicamente as envergonharam. Foi violento e desumano e fui obrigada a testemunhar. Eu tinha onze anos. — ela sussurrou. — Eu odiei isso. Eu odiava meu pai por fazer isso. Por me fazer assistir. Então eu tento honrar essas mulheres quando posso. Para mim, é um símbolo de resistência.

— Uh.

Nazeera suspirou. Ela parecia frustrada, mas então—ela riu.

Não foi uma risada engraçada, foi mais como um som de descrença, mas eu pensei nisso como progresso.

— Acabei de lhe dizer algo realmente importante para mim. — ela disse. — e tudo o que você pode dizer é *uh*?

Eu pensei sobre isso. E então, cuidadosamente: — Não?

E de alguma forma, por alguma razão incognoscível, ela sorriu.

Ela revirou os olhos quando fez isso, mas seu rosto se iluminou e ela parecia de repente mais jovem—mais doce—e eu não conseguia parar de encará-la. Eu não sabia o que tinha feito para ganhar esse olhar no rosto dela. Eu provavelmente não fiz nada para ganhar. Ela provavelmente estava rindo de mim.

Eu não me importei.

— Eu, uh, acho isso muito legal. — eu disse, lembrando de dizer alguma coisa. Para reconhecer a importância do que ela compartilhou comigo.

— Você acha *o que* legal? — Ela levantou uma sobrancelha.

— Você sabe. — Eu balancei a cabeça na direção de sua cabeça. — Sua— coisa toda. Essa história. Você sabe.

É quando ela riu de verdade. Alto. Ela mordeu o lábio para cortar o som e ela balançou a cabeça enquanto dizia suavemente: — Você não está brincando comigo, não é? Você é muito ruim nisso.

Eu pisquei para ela. Eu não acho que entendi a pergunta.

— Você é terrível em falar comigo. — disse ela. — Eu te deixo nervoso.

Eu empalideci.

— Eu não— quero dizer, eu não diria que v— — Eu acho que talvez eu tenha sido um pouco dura com você. — disse ela, e suspirou. Ela desviou o

olhar. Mordeu o lábio novamente. — Eu pensei—na primeira noite em que te conheci—achei que você estava tentando ser um idiota. Sabe? — Ela encontrou meus olhos. — Tipo, eu pensei que você estivesse jogando jogos mentais comigo. Ser quente e frio de propósito. Me insultando em um minuto, me convidando para sair no dia seguinte.

— O quê? — Meus olhos se arregalaram. — Eu nunca faria isso.

— Sim. — ela disse suavemente. — Eu acho que estou percebendo isso. A maioria dos caras que eu conheço tem sido manipuladores, condescendentes, idiotas—meu irmão incluído— então acho que não esperava que você fosse assim… honesto.

— Oh. — Eu fiz uma careta. Eu não tinha certeza se ela queria dizer isso para ser um elogio. — Obrigado?

Ela riu novamente.

— Acho que devemos começar de novo. — disse ela, e estendeu a mão como se quisesse apertar a minha. — Eu sou Nazeera. Prazer em conhecê-lo.

Timidamente, peguei a mão dela. Prendi minha respiração. Sua pele era lisa, macia contra a palma da mão calejada.

— Oi. — eu disse. — Eu sou Kenji.

Ela sorriu. Foi um sorriso feliz e genuíno. Eu tinha a sensação de que aquele sorriso ia me matar. Na verdade, eu tinha certeza de que toda essa situação ia me matar.

— Esse é um ótimo nome. — ela disse, soltando minha mão. — Você é japonês, certo?

Eu confirmei.

— Você fala?

Eu balancei a cabeça.

— Sim. É difícil. Lindo, mas difícil. Estudei japonês por alguns anos. — explicou ela. — Mas é uma língua difícil de dominar. Eu ainda tenho apenas uma compreensão rudimentar disso. Eu realmente vivi no Japão—bem, o que costumava ser o Japão—por um mês. Eu fiz uma turnê bastante extensa do re-mapeado continente asiático, na verdade.

E então eu acho que ela me fez outra pergunta, mas eu fiquei subitamente surdo. Eu perdi minha cabeça. Ela estava falando comigo sobre o país em que meus pais nasceram—um lugar que realmente significa algo para mim—e eu nem conseguia me concentrar. Ela tocava muito a boca dela. Passava o dedo ao longo da borda do lábio inferior muitas vezes. Ela tinha o hábito de bater, frequentemente, nos piercings de diamantes lá, e eu não tenho certeza se ela estava ciente de que estava fazendo isso. Mas era quase como se ela estivesse me dizendo—me dirigindo—para olhar para a boca dela. Eu não pude evitar. Eu

estava pensando em beijá-la. Eu estava pensando em muitas coisas. Fixando-a na parede.

Despindo-a lentamente. Correndo minhas mãos pelo seu corpo nu.

E então, de repente— Tomando um banho frio.

De repente, o sorriso dela desapareceu. Sua voz era suave, um pouco preocupada quando ela disse: — Ei, você está bem?

Não estou bem.

Ela estava muito perto. Ela estava muito perto e meu corpo estava definitivamente exagerando e eu não sabia como me refrescar. Desligar.

— Kenji?

E então ela tocou meu braço. Ela tocou meu braço e então pareceu surpresa que tivesse feito isso, apenas olhou para a mão no meu bíceps e me obriguei a ficar parado, me obrigando a não mover um músculo quando as pontas dos dedos roçaram minha pele e uma onda de prazer inundou meu corpo tão rápido que me senti subitamente bêbado.

Ela soltou a mão e desviou o olhar. Olhou de volta para mim.

Ela parecia confusa.

— Merda. — eu disse suavemente. — Acho que posso estar apaixonado por você.

E então, com um choque sísmico de terror, o sentido bateu na minha cabeça. Eu me endireitei na minha própria pele. Eu pensei que poderia morrer. Eu pensei que poderia *morrer* de vergonha. Eu queria. Eu queria me fundir na terra. Evaporar. Desaparecer.

Jesus, eu quase fiz.

Eu não pude acreditar que eu disse as palavras em voz alta. Eu não podia acreditar que tinha sido traído pela minha maldita boca assim.

Nazeera olhou para mim, atordoada e ainda processando, e de alguma forma —através de nada menos que um milagre—consegui me recuperar.

Eu ri.

Ri. E então eu disse, com perfeita indiferença: — Estou brincando, obviamente. Eu acho que estou exausto. De qualquer forma, boa noite.

Consegui andar, não correr, voltar para o meu quarto e conseguir manter o que restava da minha dignidade. Eu espero.

Então, novamente, quem diabos sabe.

Eu vou ter que vê-la novamente, provavelmente muito em breve, e tenho certeza que ela vai me deixar saber se eu deveria fazer planos para voar diretamente para o sol.

Merda.

Eu desligo a água e fico parado, ainda ensopado. E então, porque eu me

odeio, respiro fundo e abro a água fria por dez segundos dolorosos.

Isso faz o truque. Limpa minha cabeça. Refrigera meu coração.

Eu tropeço saindo do chuveiro.

Eu me arrasto pelo corredor, forçando minhas pernas a mexer, mas ainda estou me movendo como se estivesse ferido. Eu olho para o relógio na parede e xingo sob da minha respiração. Estou atrasado.

Warner vai me matar. Eu realmente preciso passar uma hora me alongando—meus músculos ainda estão muito tensos, mesmo depois de um banho quente—mas não tenho tempo. E então, com uma careta, percebo que Warner estava certo. Um par de horas extras para mim esta manhã teria me feito muito bem.

Eu suspiro pesadamente e me movo em direção ao meu quarto.

Eu estou vestindo minha calça de moletom, mas eu tenho apenas uma toalha enrolada no meu pescoço porque estou com muita dor para puxar uma camisa sobre a minha cabeça. Acho que posso roubar um dos casacos de Winston—algo que posso usar com mais facilidade do que um dos meus suéteres—quando ouço a voz de alguém. Eu olho para trás, distraído, e nesses dois segundos eu perco a visão de onde estou indo e bato em alguém.

Alguém.

Palavras voam da minha cabeça. Bem desse jeito.

Se foi.

Eu sou um idiota.

— Você está *molhado*. — diz Nazeera, franzindo o nariz enquanto pula para trás. — Por que você— E então eu a observo, observo quando ela olha para baixo. Olha para cima. Varre meu corpo lentamente. Eu a vejo desviar o olhar e limpar a garganta, e de repente ela não consegue encontrar meus olhos.

A esperança floresce no meu peito. Desbloqueia minha língua.

— Ei. — eu digo.

— Ei. — Ela acena com a cabeça. Cruza os braços. — Bom dia.

— Você precisa de algo?

— Eu? Não.

Eu luto contra um sorriso. É estranho vê-la nervosa.

— Então o que você está fazendo aqui?

Ela está olhando para algo atrás de mim.

— Você, hum, você sempre anda por aí sem camisa?

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— Aqui em cima? Sim. Quase o tempo todo.

Ela acena novamente.

— Eu vou lembrar disso. — Quando eu não digo nada, ela finalmente

encontra meus olhos. — Eu estava procurando por Castle.

— ela diz baixinho.

— O escritório dele está lá embaixo. — eu gesticulei com a cabeça. — mas ele provavelmente já desceu as escadas agora.

— Oh. — ela diz. — Obrigada.

Ela ainda está olhando para mim. Ela ainda está olhando para mim e está fazendo meu peito se contrair. Eu dou um passo para frente quase sem perceber. Imaginando, apenas pensando. Eu não sei o que ela está pensando. Não sei se consegui estragar tudo ontem à noite. Mas por algum motivo, agora— Ela está olhando para minha boca.

Seus olhos se movem para cima, encontram os meus e então ela está olhando para minha boca novamente. Eu me pergunto se ela sabe que está fazendo isso. Eu me pergunto se ela tem alguma ideia do que está fazendo comigo. Meus pulmões parecem pequenos demais. Meu coração está rápido e absurdamente pesado.

Quando Nazeera encontra meus olhos novamente, ela respira repentina e afiadamente. Estamos tão perto que posso sentir sua exalação contra o meu peito nu e estou sobrecarregado por uma necessidade desorientadora de beijá-la. Eu quero puxá-la em meus braços e beijá-la, e por um momento eu realmente acho que ela pode me deixar fazer isso. Apenas o pensamento envia uma emoção à minha espinha, um sentimento vertiginoso que inspira minha mente a pular muito, rápido demais. Posso imaginar com uma clareza terrível —a fantasia de tê-la em meus braços, os olhos escuros e pesados de desejo. Eu posso imaginá-la debaixo de mim, seus dedos cavando em minhas omoplatas enquanto ela grita— *Jesus Cristo.*

Eu me forço a me afastar. Eu quase me bato na cara.

Eu não sou esse cara. Eu não sou um garoto de quinze anos que não consegue manter as calças. Eu não sou.

— Eu, uh, eu tenho que me vestir. — eu digo, e até eu posso ouvir a instabilidade na minha voz. — Eu vou te ver lá embaixo.

Mas então a mão de Nazeera está no meu braço novamente, e meu corpo enrijece, como se eu estivesse tentando conter algo além de mim mesmo. É selvagem. Desejo como se eu nunca conheci antes. Eu tento me lembrar que isso é tudo, é como o que J disse— eu nem conheço essa garota. Eu estou apenas passando por algo.

Eu não sei o quê, ou porquê, mas eu estou apenas, claramente apaixonado. Eu nem sequer a conheço.

Isso não é real.

— Ei. — diz ela.

Eu fico quieto.

— Sim? — Eu mal estou respirando. Eu tenho que me forçar a voltar uma polegada, encontrar seus olhos.

— Eu queria te contar uma coisa. Noite passada. Mas eu não tive a chance.

— Oh. — Eu franzo a testa. — Ok. — Há algo em sua voz que soa quase como medo—e limpa minha cabeça em um instante. — Conte-me.

— Não aqui. — diz ela. — Agora não.

E estou de repente preocupado.

— Algo está errado? Você está bem?

— Oh —não— quero dizer, sim— estou bem. É só... — Ela hesita. Me oferece um meio sorriso e um encolher de ombros. — Eu só queria te contar uma coisa. Não é nada importante. — Ela olha para longe, morde o lábio. Ela morde muito o lábio inferior, percebo.

— Bem, é importante para mim, eu acho.

— Nazeera. — eu digo, apreciando o som do nome dela na minha boca.

Ela olha para cima.

— Você está me assustando um pouco. Tem certeza de que não pode me dizer agora?

Ela acena com a cabeça. Me lança um sorriso apertado.

— Não há necessidade de surtar, eu prometo. Realmente não é grande coisa. Talvez possamos conversar mais tarde hoje à noite?

Meu coração se contrai novamente.

— Certo.

Ela acena mais uma vez. Nos despedimos.

Mas quando olho para trás, nem um segundo depois de começar a andar, ela já se foi.

Desapareceu.

Três

Warner está definitivamente irritado.

Estou muito atrasado e Warner está esperando por mim, empoleirado com cuidado em uma cadeira rígida em uma sala de conferências no andar de baixo, olhando para uma parede.

Eu consegui pegar um muffin no meu caminho, e eu limpei rapidamente o meu rosto, esperando que eu não tivesse deixado evidências em volta da minha boca. Eu não sei como Warner se sente sobre muffins, mas estou supondo que ele não é um fã.

— Ei. — eu digo, e pareço sem fôlego. — O que eu perdi?

— Isso é minha culpa. — diz ele, acenando com a mão ao redor da sala. Ele nem sequer olha para mim.

— Quero dizer, eu já *sei* que é sua culpa. — digo rapidamente.

— Mas, tipo, só para ficar claro—sobre o que estamos falando?

— Isso. — diz ele. Finalmente, ele olha para mim. — Essa situação.

Eu espero.

— É minha culpa. — ele diz, parando dramaticamente. — Por pensar que eu poderia depender de você.

Eu faço um esforço para não revirar os olhos.

— Tudo bem, tudo bem, acalme-se. Eu estou aqui agora.

— Você está trinta minutos atrasado.

— Cara.

Warner parece de repente cansado.

— Os filhos dos comandantes supremos da África e da América do Sul estão aqui. Eles estão esperando na sala adjacente.

— Sim? — Eu levanto uma sobrancelha. — Então, qual é o negócio? O que você precisa de mim?

— Eu preciso que você esteja presente. — diz ele bruscamente.

— Não tenho certeza se sei exatamente por que eles estão aqui, mas todo pensamento racional aponta para uma guerra iminente. É minha suspeita que eles

estejam aqui para nos espionar e mandar mensagens de volta para os pais deles. Eles enviaram seus filhos para afetarem um clima de camaradagem. Um sentimento de nostalgia. Talvez eles achem que podem apelar para o nossa nova e jovem comandante com outros rostos jovens. De qualquer forma, acho que é importante mostrarmos uma frente forte e unida.

— Então, sem J, hein?

Warner olha para cima. Ele parece atordoado, e por um segundo vejo algo como dor em seus olhos. Eu pisco e ele é uma estátua novamente.

— Não. — diz ele. — Eu ainda não a vi. E é mais importante do que nunca que eles não saibam disso. — Ele respira fundo. — Onde está o Castle? Ele precisa estar aqui também.

Eu dou de ombros. — Eu pensei que ele já estivesse aqui embaixo.

— Eu o vi há pouco. Eu vou buscá-lo.

Eu caio em uma cadeira.

— Legal.

Warner caminha até a porta e depois hesita. Lentamente, ele se vira para mim.

— Você está tendo problemas novamente.

Eu olho para cima, surpreso.

— O que?

— Apaixonado. Você está tendo problemas em sua vida amorosa. É por isso que você se atrasou?

Eu sinto o sangue escorrer do meu rosto.

— Como diabos você saberia algo assim?

— Você está fedendo a isso. — Ele acena para mim, meu corpo.

— Você está praticamente emanando uma agonia de amor.

Eu olho para ele, atordoado. Eu nem sei se vale a pena negar.

— É Nazeera, não é? — Diz Warner. Seus olhos são claros, livres de julgamento.

Eu me forço a acenar.

— Ela devolve sua afeição?

Atiro-lhe um olhar beligerante.

— Como diabos eu deveria saber?

Warner sorri. É a primeira emoção real que ele mostrou toda a manhã.

— Eu suspeito que ela possa eviscerar você. — diz ele. — Mas eu admito que pensei que ela usaria uma faca.

Eu forço uma falta de humor: — Ha — Tenha cuidado, Kishimoto. Acho necessário lembrar que ela foi criada para ser letal.

Eu não a provocaria.

— Ótimo. — murmuro, deixando cair a cabeça nas mãos. — Eu me sinto tão bem com isso. Obrigado pela conversa estimulante.

— Você também deve saber que há algo que ela está escondendo.

Minha cabeça se levanta.

— O que você quer dizer?

— Eu não sei exatamente. Eu só sei que ela está escondendo alguma coisa. Eu ainda não sei o que é. Mas eu aconselho que você aja com cautela.

Eu me sinto subitamente doente, minha testa comprimida de pânico. Eu me pergunto sobre sua mensagem enigmática antes. O

que ela queria dizer para mim na noite passada? O que ela ainda poderia dizer para mim— hoje à noite.

E então eu percebo— — Espere um segundo. — Eu franzo a testa. — Você acabou de me dar conselhos sobre namoro?

Warner inclina a cabeça. Um lampejo de sorriso novamente.

— Estou apenas devolvendo o favor.

Eu rio surpreso.

— Obrigado, cara. Eu aprecio isso.

Ele concorda.

E então, com um pivô elegante, ele abre a porta e a fecha atrás de si. O cara se move como um príncipe. Ele está sempre vestido como um príncipe. Botas brilhantes e roupas justas e merda.

Eu suspiro irracionalmente irritado.

Eu estou com ciúmes? Porra, talvez eu esteja com ciúmes.

Warner sempre parece tão inteiro. Ele é sempre frio e legal.

Sempre tem uma linha, um retorno. Uma cabeça clara. Aposto que ele nunca lutou como eu lutei por uma garota. Nunca teve que trabalhar tão duro—

Uau.

Eu sou um idiota.

Eu não sei como consegui esquecer que a namorada dele literalmente acabou de terminar com ele. *Eu estava lá*. Eu vi a queda.

O cara teve um ataque de pânico por todo o chão. Ele estava *chorando*.

Eu suspiro, forte, e corro as duas mãos pelo meu cabelo.

Eu sei que isso deve me fazer sentir melhor, mas só me faz sentir pior ao perceber que Warner é tão propenso a falhas de relacionamento quanto eu. Isso me faz pensar que eu não tenho chance com Nazeera.

Uh, eu odeio tudo.

Espero alguns minutos para Warner e Castle voltarem e, enquanto espero, puxo outro muffin do meu bolso. Eu me alimento estressado, arranco pedaços enormes e cegamente os empurro na boca.

Quando Castle entra pela porta, eu estou quase engasgando com migalhas de muffin, mas eu dou um rápido olá. Castle franze a testa, claramente desaprovando meu estado geral, e eu finjo não notar. Eu aceno e tento engolir o último muffin. Meus olhos estão rasgando um pouco.

Warner entra e fecha a porta atrás deles.

— Por que você insiste em comer como um animal? — Ele diz para mim.

Eu franzo a testa, começo a falar, e ele me corta com uma mão.

— Não se *atreva* a falar comigo com a boca cheia.

Eu engulo muito rápido e quase engasgo, mas eu forço o resto do muffin para baixo. Eu limpo minha garganta antes de dizer: — Sabe de uma coisa? Estou cansado dessa merda. Você sempre tira sarro do jeito que eu como e não é justo.

Warner tenta falar e eu o interrompo.

— Não. — eu digo. — Eu não como um animal. Eu simplesmente estou *com fome*. E talvez você deva passar alguns anos morrendo de fome antes de pensar em tirar sarro do jeito que eu como, certo babaca?

É surpreendente como isso acontece rapidamente, mas algo muda no rosto de Warner. Não o aperto na mandíbula ou o sulco na testa. Mas por um momento, a luz sai de seus olhos.

Ele gira quase exatamente quarenta e cinco graus longe de mim. E sua voz é solene quando ele diz: — Eles estão esperando por nós na sala ao lado.

— Eu aceito suas desculpas. — eu digo.

Warner olha para mim. Olha para longe.

Castle e eu o seguimos para fora do quarto.

Ok, talvez eu tenha perdido alguma coisa, mas essas novas filhos não parecem tão assustadores. Há um grupo de gêmeos—um menino e uma menina—que falam um com o outro muito rapidamente em espanhol, e um cara negro alto com um sotaque britânico. Haider, Nazeera e Lena estão conspicuamente ausentes, mas todo mundo está sendo educado e fingindo não notar. Eles são todos muito legais, na verdade. Especialmente Stephan, o filho do comandante supremo da África. Ele parece legal. Estou recebendo menos vibrações de serial killers dele do que dos outros filhos. Mas ele está usando uma pulseira na mão esquerda, algo de prata com grossas pedras vermelhas pesadas que parecem rubis, e eu não consigo parar de sentir como se tivesse visto algo parecido antes. Eu continuo olhando, tentando descobrir por que parecer familiar, quando, de repente— Juliette aparece.

Pelo menos, acho que é Juliette.

Ela parece uma pessoa diferente.

Ela entra na sala vestindo uma roupa que eu nunca a vi, preta da cabeça aos

pés, e ela está linda—linda, como sempre—mas diferente. Ela parece mais dura. Mais irritada. Eu não achava que gostaria do cabelo curto nela—na noite passada foi um trabalho mal feito—mas ela deve ter arrumado esta manhã. O corte é uma colheita uniforme por toda parte. Um corte de zumbido simples e elegante.

Ela faz funcionar.

— Bom dia. — ela diz, e sua voz é tão vazia que, por um momento, estou atordoado. Ela consegue fazer essas duas palavras parecerem *más*, e é tão diferente dela que me assusta.

— Merda, princesa. — eu digo suavemente. — É realmente você?

Ela olha para mim por apenas um segundo, mas parece mais que ela olha através de mim, e algo sobre a expressão fria e venenosa em seus olhos quebra meu coração como nada mais.

Eu não sei o que aconteceu com minha amiga.

E então, como se essa merda não pudesse ficar mais dramática, Lena atravessa a porta como uma debutante em pânico. Ela provavelmente estava esperando nas asas pela hora certa para fazer sua entrada. Para jogar Juliette fora do jogo dela.

Não funciona.

Eu assisto, como se através da água, quando Juliette encontra Lena pela primeira vez. Juliette é dura e superior, e tenho orgulho dela por ser forte, mas não posso reconhecê-la no momento.

J não é assim.

Ela não é fria assim.

Eu a vi ficar com raiva—inferno, eu a vi perder a cabeça—mas ela nunca foi cruel. Ela não é *má*. E não é que eu acho que Lena merece melhor, porque eu não acho. Eu não dou a mínima para Lena. Mas isso—essa exibição—é tão fora do personagem para Juliette que deve significar que ela está sofrendo mais do que eu pensava. Mais do que eu poderia imaginar. Como se a dor a desfigurou.

Eu saberia. Eu *conheço* ela.

Warner poderia me matar se soubesse que me sinto assim, mas a verdade é que eu conheço Juliette melhor do que ninguém. Melhor que ele.

A matemática é simples: J e eu somos mais próximos, por mais tempo.

Ela e eu passamos por mais coisas juntos. Nós tivemos mais tempo para conversar sobre coisas reais juntos. Ela é minha melhor amiga.

Castle também esteve lá para mim, mas ele é como um pai para mim e eu não posso falar com ele ou com qualquer outra pessoa como eu faço com Juliette. Ela é diferente. Ela me pega. Eu dou a ela muita porcaria por ser emocional o tempo todo, mas eu amo o quão empática ela é. Eu amo como ela sente as coisas tão profundamente que às vezes até a alegria consegue machucá-

la. É quem ela é. Ela é toda coração.

E isso—essa versão dela que estou vendo agora?

Isso é besteira.

Eu não posso aceitar porque sei que não é real. Porque eu sei que isso significa que algo está errado.

De repente, uma onda de vozes iradas invade meu devaneio.

Eu olho para cima a tempo de perceber que Lena disse algo desagradável. Valentina, uma das gêmeas, vira-a e eu me forço a prestar mais atenção quando ela diz—

— Eu deveria cortar suas orelhas quando tive a chance.

Minhas sobrancelhas levantam minha testa.

Eu dou um passo à frente, confuso, e dou uma olhada ao redor da sala em busca de uma pista, mas uma tensão estranha e desconfortável reduziu todo mundo ao silêncio.

— Uh, me desculpe. — eu digo, limpando a garganta. — Estou esquecendo de algo?

Mais silêncio.

É Lena que finalmente nos oferece uma explicação, mas eu já sei que é melhor do que confiar nela quando ela diz: — Valentina gosta de fingir.

Nicolás, o outro gêmeo, volta a ela em um instante, furiosamente atirando de volta em espanhol. Valentina dá um tapinha no ombro do irmão.

— Não. — ela diz. — Quer saber? Está bem. Deixe ela falar.

Lena acha que eu gosto de fingir. — ela diz uma palavra em espanhol. — Não vou fingir. — mais palavras em espanhol.

A boca de Stephan se abre no que parece ser um choque, mas Lena apenas revira os olhos, então não tenho ideia do que aconteceu.

Eu franzo a testa. É uma conversa frustrante a seguir.

Mas quando olho para Juliette, percebo, com bem-vindo alívio, que não sou o único a sentir-me assim; J não entende do que eles estão falando. Nem Castle. E assim como eu acho que Warner deve estar confuso também, ele começa a falar com Valentina em espanhol fluente.

De repente minha cabeça está girando.

— Porra, cara. — eu digo. — Você fala espanhol também, hein?

Eu vou ter que me acostumar com isso.

— Todos falamos muitas línguas. — diz Nicolás para mim. Ele ainda parece um pouco irritado, mas agradeço a explicação. — Temos que ser capazes de comuni—

Juliette o interrompe com raiva. — Ouça, pessoal, eu não me importo com seus dramas pessoais. Eu tenho uma enorme dor de cabeça e um milhão de

coisas para fazer hoje, e gostaria de começar.

Ha.

Claro. Juliette está de ressaca.

Aposto que ela nunca teve ressaca. E se isso não fosse uma situação de vida ou morte, eu acharia meio engraçado.

Nicolás diz algo suavemente em resposta a ela e depois abaixa a cabeça num mini arco.

Eu cruzo meus braços. Eu não confio nele.

— O quê? — Juliette olha para ele, confusa. — Eu não sei o que isso significa.

Nicolás sorri para ela. Ele diz outra coisa em espanhol—e agora é óbvio que ele está zoando com ela—e quase chuto a merda na cara.

Warner chega a ele antes que eu faça. Ele diz algo para Nicolás, outra coisa que eu não entendo, mas de alguma forma isso deixa Juliette mais furiosa.

Que manhã estranha.

Eu ouço Nicolás dizer: —Temos o prazer de conhecê-la. — em inglês, e estou oficialmente tão confuso que acho que deveria me ver.

Juliette diz: — Suponho que todos vocês assistirão ao simpósio hoje?

Outra babaquice de Nicolás. Mais palavras em espanhol.

— Isso é um sim. — Warner traduz.

Isso parece irritá-la. Ela gira, vira-se para ele. — Que outras línguas você fala? — Ela diz, seus olhos brilhando, e Warner vai tão repentinamente que meu coração dói por ele.

Este momento é muito real.

Warner e Juliette estão tão cheios de merda hoje. Eles estão fingindo ser tão duros, tão legais e calmos, e então— *isso*. Juliette diz uma coisa para ele e Warner se torna um idiota. Ele está olhando para ela, muito burro para falar, e ela está corada, parecendo toda quente e incomodada só porque ele está olhando para ela.

Jesus.

Eu me pergunto se Warner tem alguma ideia de como ele está agora, encarando Juliette como se todas as palavras tivessem sido tiradas de sua cabeça, e então, com um sobressalto, me pergunto se era assim que eu estava falando com Nazeera .

Um arrepio involuntário percorre-me.

Finalmente, Stephan coloca Warner fora de sua miséria. Ele limpa a garganta e diz: — Aprendemos muitas línguas desde muito cedo. Era fundamental que os comandantes e suas famílias soubessem se comunicar uns com os outros.

Juliette olha para baixo, se recolhe. Quando ela se vira para Stephan, seu

rosto perdeu a maior parte do seu rubor, mas ela ainda parece um pouco vermelha.

— Eu pensei que o restabelecimento queria se livrar de todas as línguas. — diz Juliette. — Eu pensei que vocês estavam trabalhando em direção a uma única linguagem universal—

— *Sí*, Madame Suprema. — diz Valentina. (Eu conheço a palavra sí. Isso significa sim. Eu não sou um completo idiota.) — Isso é verdade— diz ela. — Mas primeiro tínhamos que falar um com o outro, não?

E depois—

Eu não sei porque, mas algo sobre a resposta de Valentina quebra algo aberto em Juliette. Ela parece quase como ela mesma novamente. O rosto dela perde a tensão. Seus olhos estão arregalados—quase tristes.

— De onde você é? — ela diz calmamente, e sua voz é tão desprotegida que me dá esperança—espero que a J real ainda esteja lá, em algum lugar. — Antes de o mundo ser remapeado. — ela diz.— Quais eram os nomes dos seus países?

— Nascemos na Argentina. — dizem os gêmeos.

— Minha família é da Quênia. — diz Stephan.

— E vocês visitavam um ao outro? — Juliette se vira, examina seus rostos. — Vocês viajam para os continentes um do outro?

Eles acenam com a cabeça.

— Uau. — diz ela. — Isso deve ser incrível.

— Você também deve vir nos visitar, Madame Suprema — diz Stephan, sorrindo. — Adoraríamos que você ficasse conosco. Afinal, — ele diz. — Você é uma de nós agora.

E assim, o sorriso de Juliette se foi.

Seu rosto se fecha. Persianas fechadas. Ela volta para a casca fria de uma pessoa que era quando ela entrou e sua voz é severa quando diz: — Warner, Castle, Kenji?

Eu limpo minha garganta.

— Sim?

Eu ouço Castle dizer: — Sim, senhorita Ferrars?

Eu olho para Warner, mas ele não diz uma palavra. Ele só olha para ela.

— Se terminarmos aqui, gostaria de falar com vocês três sozinhos, por favor.

Eu olho de Warner para Castle, esperando alguém dizer alguma coisa, mas ninguém fala.

— Uh, sim. — eu digo rapidamente. — Não, uh, não há problema. — Eu tiro um olhar para Castle, tipo, *que diabos?* E ele pula com um — Certamente.

Warner ainda está olhando para ela. Ele não diz nada.

Eu quase dou um tapa nele.

Juliette parece concordar com minha linha de pensamento, porque ela se afasta, parecendo extremamente irritada enquanto vai, e eu começo a segui-la pela porta quando sinto uma mão no meu ombro. Uma mão pesada.

Eu olho diretamente nos olhos de Warner, e não vou mentir—é uma experiência desorientadora. Esse cara tem alguns olhos selvagens. Pálidos, verde gelo. É um pouco desconcertante.

— Dê-me um minuto com ela. — diz ele.

Eu concordo. Dou um passo para trás. — Sim, o que você precisar.

E ele se foi. Eu o ouço chamá-la, e fico ali sem jeito, observando a porta aberta e ignorando as outras crianças na sala. Eu cruzo meus braços. Limpo minha garganta.

— Então é verdade, então. — diz Stephan.

Eu me viro surpreso. — O que você quer dizer?

— Eles realmente se amam. — Ele acena para a porta aberta. — Aqueles dois.

— Sim. — eu digo, confuso. — É verdade.

— Nós ouvimos sobre isso, é claro. — diz Nicolás. — Mas é interessante testemunhar pessoalmente.

— Interessante? — Eu levanto uma sobrancelha. — Interessante como?

— É um pouco emocionante. — diz Valentina, e ela soa como se quisesse dizer isso.

Castle caminha até mim então. — Tem sido pelo menos um minuto. — diz ele em voz baixa.

— Certo. — Eu aceno. — Bem, veremos vocês mais tarde. — eu digo para a sala. — Se vocês ainda não tomaram café da manhã, sinta-se à vontade para pegar alguns muffins da cozinha. Eles são bons. Eu comi dois.

Quatro

Eu quase tropeço tentando parar no lugar quando saímos para o corredor. Warner e Juliette não foram longe, e estão juntos, claramente tendo uma conversa importante e acalorada.

— Nós devemos sair daqui. — eu digo para Castle. — Eles precisam de espaço para conversar.

Mas Castle não responde imediatamente. Ele está olhando para eles com uma expressão intensa no rosto e, pela primeira vez na vida, eu o vejo de forma diferente.

Como se eu não o conhecesse.

Depois de tudo o que Warner me contou ontem—sobre como Castle sempre soube que Juliette tinha uma história complicada, sabia que ela era um ativo fundamental, sabia que tinha sido adotada, sabia que seus pais biológicos a haviam doado para o Restabelecimento e que ele *me* enviara em uma missão secreta para buscá-la—me senti um pouco estranho. Não mal, exatamente.

Apenas estranho. Tudo isso não é uma revelação suficiente para eu perder completamente a fé em Castle; ele e eu passamos por muito para mim duvidar de seu amor.

Mas eu me sinto mal.

Insatisfeito.

Eu quero perguntar a ele porque ele guardou tudo isso de mim.

Eu quero exigir uma explicação. Mas, por algum motivo, não consigo fazer isso. Ainda não, de qualquer maneira. Acho que talvez tenha medo de ouvir as respostas às minhas próprias perguntas. Eu me preocupo com o que elas podem revelar sobre *mim*.

— Sim. — Castle finalmente diz, o som de sua voz reorientando meus pensamentos. — Talvez devêssemos dar a eles o espaço de que precisam.

Atiro-lhe um olhar incerto.

— Você não acha que eles são bons juntos, hein?

Castle se vira para mim, surpreso. — Pelo contrário. — diz ele. — Eu acho

que eles têm sorte de terem encontrado um ao outro neste mundo infernal. Mas se eles querem uma chance de felicidade, eles terão que continuar a se curar. Individualmente. — Ele se afasta novamente, estuda suas figuras à distância. — Eu me preocupo, às vezes, com os segredos entre eles. Eu quero que eles façam o trabalho duro de sugar o veneno do passado deles.

— Bruto.

Castle sorri.

— De fato. — Ele envolve seu braço em volta do meu ombro. Aperta. — Meu maior desejo por você, — ele diz — é que você se veja do jeito que eu faço: como um jovem brilhante, bonito e compassivo que faria qualquer coisa pelas pessoas que ama.

Eu olho de volta, surpreso.

— O que fez você dizer isso?

— É algo que eu tenho me lembrado de dizer em voz alta. — Ele suspira. — Quero que você entenda que Nazeera é uma garota muito sortuda por ser o objeto de suas afeições. Eu gostaria que você percebesse isso. Ela é perfeita e bonita, sim, mas você—

— Espere. O quê? — Sinto-me subitamente enjoado. — Como você—?

— Oh. — diz Castle, com os olhos arregalados. — Oh, isso era um segredo? Eu não percebi que era um segredo. Me desculpe.

Eu resmungo algo sujo.

Ele ri.

— Eu tenho que dizer, se você está interessado em guardar para si mesmo, você pode querer mudar suas táticas.

— O que você quer dizer?

Ele encolhe os ombros.

— Você não se vê perto dela. Seus sentimentos são óbvios para todos. De qualquer lugar.

Eu deixo cair minha cabeça em minhas mãos com um gemido.

E quando eu finalmente olho para cima, pronto para responder, estou tão distraído com a cena na minha frente que me esqueço de falar.

Warner e Juliette estão tendo um *momento*.

Um momento muito apaixonado, bem aqui, no corredor. Eu percebo, enquanto os assisto, que nunca os vi beijar antes. Estou congelando. Um pouco atordoado. E sei que deveria, assim, desviar o olhar—quero dizer, sei em minha mente que deveria? Que é a coisa decente a fazer? Mas estou meio fascinado.

Eles claramente têm uma química louca.

O relacionamento deles nunca fez muito sentido para mim—eu não conseguia entender como alguém como Warner poderia ser um parceiro

emocional para ninguém, muito menos para alguém como Juliette: uma garota que come, dorme e respira emoção. Eu raramente o vi expressar *qualquer coisa*. Eu me preocupei que Juliette estivesse lhe dando muito crédito, que ela suportasse muito de suas besteiras em troca—eu nem sei o que. Um sociopata com uma coleção de pelagem extensa?

Principalmente, eu me preocupava que ela não estivesse recebendo o tipo de amor que ela merecia.

Mas agora, de repente—

Seu relacionamento faz sentido. De repente, tudo que ela me disse sobre ele faz sentido. Eu ainda acho que não entendo Warner, mas é óbvio que algo nela acende um fogo nele. Ele parece vivo quando ela está em seus braços. Humano como se eu nunca tivesse visto ele antes.

Como ele está apaixonado.

E não apenas apaixonado, mas além da salvação. Quando eles se separam, os dois parecem um pouco loucos, mas Warner parece especialmente desequilibrado. Seu corpo está tremendo. E quando ela de repente sai correndo pelo corredor, eu sei que isso não vai acabar bem.

Meu coração dói. Por ambos.

Eu vejo como Warner recua, contra a parede, afundando na pedra até seus membros desistirem. Ele cai no chão.

— Eu vou falar com ele. — diz Castle, e o olhar devastado em seu rosto me surpreende. — Você vai encontrar a srta. Ferrars. Ela não deveria estar sozinha agora.

Eu respiro fundo.

— Entendi. — E então: — Boa sorte.

Ele apenas acena com a cabeça.

Eu tenho que bater na porta de Juliette algumas vezes antes que ela finalmente abra. Ela abre uma polegada, diz: — Não importa. — e depois tenta fechá-la.

Eu pego a porta com a minha bota.

— Não importa o quê? — Eu inclino meu ombro para a porta, e com um pequeno empurrão, eu consigo me espremer para dentro. — O que está acontecendo?

Ela atravessa o quarto, tão longe de mim quanto ela consegue.

Eu não entendo isso. Eu não entendo porque ela está me tratando assim. E abro a boca para dizer exatamente isso quando ela diz—

— Não importa, eu não quero falar com nenhum de vocês. Por favor, vá embora. Ou talvez você possa ir para o inferno. Eu realmente não me importo.

Eu recuo. Suas palavras pousam como golpes físicos. Ela está falando

comigo como se eu fosse o inimigo, e eu não posso acreditar. — Você está— espera, você está falando sério agora?

— Nazeera e eu estamos indo para o simpósio em uma hora. — ela se agarra a mim. Ela ainda não olha para mim, no entanto. — Tenho que me preparar.

— O que? — Primeiro de tudo, quando diabos ela se tornou melhor amiga da Nazeera? E em segundo lugar: — O que está acontecendo, J? O que você tem?

Ela gira ao redor, seu rosto uma caricatura impressionante. Ela parece amotinada. — *O que há de errado comigo?* Oh, como você não sabe?

A força de sua raiva me envia um passo para trás. Eu me lembro de que essa garota provavelmente poderia me matar com a contração de sua mão se ela quisesse. — Quero dizer, eu ouvi sobre o que aconteceu com Warner, sim, mas eu tenho certeza que eu vi vocês se pegando no corredor, então estou muito confuso—

— Ele *mentiu* para mim, Kenji. Ele mentiu para mim esse tempo todo. Sobre tantas coisas. E o mesmo aconteceu com Castle. Assim com *você*—

— Espere, o que? — Desta vez eu agarro o braço dela antes que ela tenha a chance de ir embora novamente. — Espere—eu não menti para você sobre merda nenhuma. Não me envolva nessa bagunça. Eu não tive nada a ver com nada disso. Inferno, eu ainda não descobri o que dizer para Castle. Eu não posso acreditar que ele manteve tudo isso longe de mim.

Juliette fica de repente parada. Seus olhos se arregalam, brilhantes com lágrimas não derramadas. E então, finalmente, eu entendo. Ela achou que eu também a traíra.

— Você não estava envolvido nisso tudo. — ela sussurra. — Com Castle?

— Uh-uh. De jeito nenhum. — Eu dou um passo à frente. — Eu não tinha ideia sobre qualquer insanidade até que Warner me contou sobre isso ontem.

Ela olha para mim, ainda incerta.

E eu não posso evitar; Eu reviro meus olhos.

— Bem, como eu deveria confiar em você? — Ela diz, com a voz embargada. — Todo mundo está mentindo para mim—

— J. — eu digo. — Vamos lá. — Eu balancei minha cabeça com força. Eu não posso acreditar que eu tenha que dizer isso. Eu não posso acreditar que ela duvidou de mim—que ela não falou comigo sobre isso mais cedo. — Você me conhece. — eu digo a ela. — Você sabe que eu não estou falando besteira. Esse não é meu estilo.

Uma única lágrima escapa pelo lado do rosto e a visão é simultaneamente desoladora e reconfortante. Essa é a garota que eu conheço. A amiga que eu amo. Ela é toda coração.

Ela sussurra: — Você jura?

— Ei. — Eu estendo minha mão. — Venha cá, garota.

Ela ainda parece um pouco cética, mas ela dá os passos necessários para frente e eu a puxo para dentro, puxando-a contra o meu peito e apertando com força. Ela é tão pequena. Como um passarinho com ossos ocos. Você nunca saberia que ela é tecnicamente invencível. Que ela provavelmente poderia derreter a pele do meu rosto se ela quisesse. Eu aperto um pouco mais, passo a mão para cima e para baixo em um gesto reconfortante e familiar, e a sinto finalmente relaxar. Eu sinto o momento exato em que a tensão deixa seu corpo, quando ela cai completamente contra o meu peito.

Suas lágrimas encharcam minha camisa, quentes e implacáveis.

— Você vai ficar bem. — eu sussurro. — Eu prometo.

— Mentiroso.

Eu sorrio.

— Bem, há cinquenta por cento de chance de estar certo.

— Kenji?

— Mm?

— Se eu descobrir que você está mentindo para mim sobre isso, eu juro por Deus que vou arrancar todos os ossos do seu corpo.

Eu quase engasgo com uma risada repentina e surpresa.

— Uh, sim, tudo bem.

— Estou falando sério.

— Uh-huh. — Eu acaricio sua cabeça. Tão confusa.

— Eu vou.

— Eu sei, princesa. Eu sei.

Nós nos acomodamos em um silêncio confortável, nós dois ainda nos agarramos, e estou pensando sobre o quão importante essa relação é para mim— o quão importante Juliette é para mim— quando ela diz, de repente:

— Kenji?

— Mm?

— Eles vão destruir o Setor 45.

— Qual deles?

— Todos.

Choque endireita minha espinha. Eu olho de volta, confuso.

— Todos quem?

— Todos os outros comandantes supremos. — diz Juliette. — Nazeera me contou tudo.

E então, de repente, eu entendi.

Sua nova amizade com a Nazeera.

Este deve ser o segredo que Warner disse estar escondendo— Nazeera deve

ser uma traidora do Restabelecimento. É isso, ou ela está mentindo para todos nós.

Este último não parece provável, no entanto.

Talvez eu esteja sendo estupidamente otimista, mas Nazeera praticamente disse tanto para mim na outra noite com todo o seu discurso sobre usar um símbolo de resistência e odiar seu pai e honrar as mulheres que ele envergonhara.

Talvez o grande segredo de Nazeera é que ela está aqui para nos ajudar. Talvez não haja nada para ter medo. Talvez a mulher seja *perfeita*.

De repente estou sorrindo como um idiota.

— Então Nazeera é uma das mocinhas, né? Ela está no nosso time? Tentando te ajudar?

— Oh meu Deus, Kenji, por favor, concentre-se — Eu só estou dizendo. — Eu levanto minhas mãos, dou um passo para trás. — A garota está bem como o inferno é tudo o que estou dizendo.

Juliette está olhando para mim como se eu tivesse perdido a cabeça, mas ela ri. Ela funga suavemente e afasta algumas lágrimas esquecidas.

— Então. — Eu aceno, encorajando-a a falar. — Qual é o problema? Os detalhes? Quem vem? Quando? Como? Etc?

— Eu não sei. — diz Juliette, balançando a cabeça. — A Nazeera ainda está tentando descobrir. Ela acha que talvez na próxima semana ou assim? As crianças estão aqui para me monitorar e enviar informações, mas elas estão vindo para o simpósio, especificamente, porque os comandantes querem saber como os outros líderes do setor reagirão ao me ver. Nazeera diz que acha que a informação ajudará a informar seus próximos movimentos. Eu estou supondo que temos talvez uma questão de dias.

Meus olhos ficam dolorosamente abertos. Uma questão de dias não era o que eu esperava ouvir. Eu estava esperando por meses.

Semanas, no mínimo.

Isto é ruim.

— Oh. — eu digo. — Merda.

— Sim. — Juliette me lança um olhar assediado. — Mas quando eles decidiram acabar com o Setor 45, o plano deles também é me prender. O restabelecimento quer me trazer de volta, aparentemente.

O que quer que isso signifique.

— Trazer você de volta? — Eu franzo a testa. — Para quê? Mais testes? Tortura? O que eles querem fazer com você?

— Eu não tenho idéia. — diz Juliette, balançando a cabeça. — Eu não tenho ideia de quem são essas pessoas. Minha irmã aparentemente ainda está sendo

testada e torturada em algum lugar.

Então, eu tenho certeza que eles não vão me trazer de volta para uma grande reunião de família, sabe?

— Uau. — Eu olho para longe. Sopro uma respiração. — Isso é um drama de próximo nível.

— Sim.

— Então—o que vamos fazer? — Eu digo.

Juliette me estuda por um segundo. Seus olhos se juntam.

— Quero dizer, eu não sei, Kenji. Eles estão vindo para matar todo mundo no setor 45. Eu realmente não acho que tenho uma escolha.

Eu levanto minhas sobrancelhas.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, tenho certeza que vou ter que matá-los primeiro.

Cinco

Eu deixo o quarto de Juliette atordoado. Não parece certo que tantas merdas horríveis devam ser *permitidas* a cair em um período tão curto de tempo. Deve haver uma falha de segurança no universo em algum lugar, algo que automaticamente é desligado no caso de extrema estupidez humana. Talvez uma alavanca de emergência. Um botão, até.

Isto é *ridículo*.

Eu suspiro, sentindo-me subitamente doente do estômago.

Acho que teremos que esperar para discutir tudo isso hoje à noite, depois do simpósio, que será seu próprio tipo de show de merda. Não parece haver um ponto para participar do simpósio agora, mas Juliette disse que não queria sair, não tão tarde no jogo, então todos devemos fazer um bom trabalho e agir como se tudo fosse normal. Seiscentos líderes setoriais se reunirão na mesma sala e nós deveremos fazer um bom trabalho e agir como se tudo fosse normal.

Eu não entendo. Não é segredo para ninguém que nós, como setor, traímos todo o estabelecimento, então não entendo por que estamos nos importando em fingir. Mas Castle diz que manter essas pretensões significa algo para o sistema, então temos que seguir adiante. Saltar do navio agora é basicamente como jogar o resto do continente. Seria uma declaração de guerra.

Honestamente, o ridículo de tudo isso seria engraçado se eu não achasse que todos vamos morrer.

Que dia.

Eu encontro Sonya e Sara no meu caminho de volta para o meu quarto e aceno uma saudação rápida, mas Sara agarra meu braço.

— Você viu Castle? — Ela diz.

— Estamos tentando encontrar ele por uma hora. — diz Sonya.

A urgência em suas vozes envia uma súbita onda de medo através do meu corpo, e o aperto que Sara ainda tem no braço não ajuda. Não é como se algum delas estivessem tão ansiosas; desde que eu as conheço, essas duas sempre foram

gentis e geralmente calmas—apesar de tudo.

— O que há de errado? — Eu digo. — O que está acontecendo?

Qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar?

Eles balançam a cabeça ao mesmo tempo.

— Precisamos conversar com Castle.

— Da última vez que o vi, ele estava lá embaixo conversando com Warner. Por que você não o contata? Ele está sempre usando o fone de ouvido.

— Nós tentamos. — diz Sonya. — Várias vezes.

— Você pode pelo menos me dizer do que se trata? Só para não ter um ataque cardíaco?

Os olhos de Sara se arregalam.

— Você tem sentido dores no peito?

— Você está se sentindo estranhamente letárgico? — Sonya entra no meio.

— Falta de ar? — Sara novamente.

— O que? Não, pessoal, parem—eu quis dizer isso como uma figura de linguagem. Eu não vou ter um ataque cardíaco. Eu estou apenas—estou preocupado.

Sonya me ignora. Ela vasculha a bolsa de carteiro que carrega em caso de emergência e descobre um pequeno frasco de remédio.

Ela e Sara são gêmeas e curadoras residentes—e são uma combinação interessante de gentis mas extremamente sérias. Elas são médicas com a maneira perfeita à beira do leito e nunca deixam que qualquer menção de dor, doença ou ferimento seja ignorada.

Uma vez, no Ponto, eu disse casualmente que estava enjoado e cansado de estar no subsolo o tempo todo, e as duas me forçaram a dormir em uma cama e exigiram que eu lhes desse uma lista dos meus sintomas. Quando finalmente consegui explicar que estava brincando—que "enjoado e cansado" era apenas uma coisa que as pessoas dizem às vezes—elas não acharam engraçado. Elas ficaram irritadas comigo por uma semana depois disso.

— Leve isso com você, por precaução. — diz Sonya, e pressiona a garrafa azul cilíndrica na minha mão. — Como você sabe, Sara e eu temos trabalhado nisso por um tempo, mas esta é a primeira vez que sentimos que pode estar pronto para o campo. Isso, — ela diz, acenando para a garrafa na minha mão. — é um dos lotes de teste, mas não tivemos nenhum problema com isso. Na verdade, achamos que pode estar pronto para produção.

Isso chama minha atenção.

Eu fico admirado com a garrafa na minha mão. É pesada. Vidro.

— De jeito nenhum. — eu digo baixinho. — Você fez isso? — Eu olho para cima, olho em seus olhos.

Elas sorriem exatamente ao mesmo tempo.

Estas duas têm trabalhado na criação de pílulas de cura durante o tempo que me lembro. Elas queriam nos dar algo para levar na estrada—no meio da batalha—para nos manter indo se/ou quando não estão por perto.

— James trabalhou nisso tudo?

Sonya sorri mais.

— Ele ajudou.

— Sim? — Eu sorrio também. — Como está indo o treinamento dele? Tudo certo?

Elas acenam com a cabeça.

— Estamos indo buscá-lo, na verdade. — diz Sara. — Para sua sessão da tarde. Ele é um estudante rápido. Ele está crescendo bem em seus poderes.

Quase sem perceber, levanto-me um pouco mais alto, ergo meu peito como um pavão. Eu não sei o que direito eu tenho que me sentir proprietário sobre esse garoto, mas estou muito orgulhoso dele.

Eu sei que ele tem um grande futuro pela frente.

— Tudo bem, bem. — eu levanto a garrafa. — Obrigado por isso. Eu vou levar comigo, porque. — eu agito a garrafa. — Isso é incrível. Mas não se preocupe. É sério. Eu não vou ter um ataque cardíaco.

— Bom. — as duas dizem.

Eu sorrio.

— Então vocês querem que eu diga ao Castle que vocês estão procurando por ele?

Eles acenam com a cabeça.

— E vocês não vão me dizer sobre o que é a urgência?

Sara e Sonya trocam olhares.

Eu levanto uma sobrancelha.

Finalmente, Sara diz—

— Você se lembra de quando Juliette foi baleada?

— Ela foi baleada há três dias, Sara. — Eu ofereço-lhe um olhar incrédulo. — Eu não vou esquecer.

Sonya entra e diz: — Sim, mas, o que você não sabe—a única coisa que ninguém além de Warner e Castle sabe—é que algo aconteceu com Juliette quando ela foi baleada. Algo que não conseguimos curar.

— O que? — Eu digo bruscamente. — O que você quer dizer?

— Havia algum tipo de veneno nas balas. — explica Sara. — Algo que estava lhe dando alucinações.

Eu fico horrorizado.

— Estamos estudando as propriedades do veneno há dias, tentando criar um

antídoto. — diz ela. — Em vez disso, descobrimos algo… inesperado. Algo ainda mais importante.

Depois de uma pausa de silêncio, eu não aguento mais.

— *E*? — Eu digo, gesticulando com a mão que eles devem continuar.

— Nós realmente queremos contar tudo a você, — diz Sonya. — mas temos que falar com Castle primeiro. Ele precisa ser o primeiro a saber. — Ela hesita. — Só posso dizer que achamos que descobrimos algo que corresponde diretamente às tatuagens no cadáver do agressor de Juliette.

— Aquele cara que Nazeera matou. — eu digo, lembrando. — Ela salvou a vida de Juliette.

Elas acenam com a cabeça.

Outra onda de medo me atravessa.

— Tudo bem. — eu digo, tentando manter minha voz leve, firme.

Eu não quero assustá-las com minhas próprias preocupações. — OK.

Eu direi a Castle para encontrar vocês imediatamente. Vocês vão estar na ala médica?

Elas acenam novamente.

E então, quando eu vou embora, Sara me chama.

Eu me viro.

— Diga a ele. — Ela hesita novamente, e então parece tomar uma decisão. — Diga a ele que é sobre o setor 241. Diga a ele que achamos que é uma mensagem. De Nouria.

— O quê? — Eu congelo no lugar, incrédulo. — Isso é impossível.

— Sim. — diz Sara. — Nós sabemos.

Eu pego as escadas.

Eu não tenho tempo para esperar pelo elevador e, além disso, meu corpo está muito cheio de energia nervosa agora para ficar parado. Eu subo as escadas dois, três degraus de cada vez, voando mesmo enquanto mantenho a mão no corrimão para me equilibrar.

Eu não achei que esse dia poderia ficar mais louco.

Nouria.

Merda.

Eu não sei como Castle vai reagir ao ouvir o nome dela. Ele não ouviu uma palavra de Nouria em anos. Não desde—bem, não desde que os meninos foram assassinados. Castle me disse que deu espaço a Nouria porque achava que ela precisava de tempo. Ele imaginou que eles encontrariam o caminho de volta um para o outro novamente depois que ela se recuperasse. Mas depois que os setores foram erguidos, tornou-se quase impossível entrar em contato com os entes

queridos. A internet foi uma das primeiras coisas que o Restabelecimento levou, e sem ela o mundo se tornou—em um instante—um lugar maior e mais assustador. Tudo foi mais difícil.

Todos se sentiram desamparados. Eu não acho que alguém tenha percebido o quanto dependíamos da internet para literalmente tudo até as luzes se apagarem. Computadores e telefones foram levados embora. Destruídos. Hackers foram encontrados e enforcados publicamente.

Fronteiras foram fechadas sem autorização.

E então O Restabelecimento destruiu as famílias. De propósito.

No começo eles fingiam que estavam fazendo para o bem da humanidade. Eles chamaram isso de uma nova forma de integração.

Eles disseram que as relações raciais estavam piores porque estávamos todos tão isolados uns dos outros, e que parte do problema era que as pessoas haviam construído essas extensas unidades familiares—O Restabelecimento se referia a grandes famílias como dinastias—e que essas dinastias apenas reforçavam a homogeneidade, dentro de comunidades homogêneas. Eles disseram que a única maneira de consertar isso era separar aquelas dinastias.

Eles usaram algoritmos que os ajudaram a fabricar diversidade, reconstruindo comunidades com proporções específicas.

Mas não demorou muito para que parassem de fingir que davam a mínima para diversas comunidades. Em breve, pequenas infrações por si só seriam suficientes para você Ser tirado da sua família.

Chegue atrasado ao trabalho um dia e, às vezes, ele enviaria você— ou pior, alguém que você amava—pelo planeta. Tão longe você nunca conseguirá encontrar o caminho de volta.

Foi o que aconteceu com Brendan. Ele foi arrancado de sua família e enviado para o Setor 45, quando tinha quinze anos. Castle o encontrou e o levou. Lily também. Ela é do que costumava ser o Haiti.

Eles a levaram de seus pais quando ela tinha apenas doze anos. Eles a colocaram em uma casa de grupo com uma tonelada de outras crianças deslocadas. Eles eram orfanatos glorificados.

Eu fugi de um desses orfanatos quando tinha oito anos.

Às vezes eu acho que é por isso que eu me importo muito com James. Eu me sinto conectado a ele, de certa forma. Quando estávamos juntos na base, Adam nunca me disse que seu irmãozinho praticamente vivia em um desses orfanatos. Não foi até aquele dia em que estávamos fugindo—quando James e eu tivemos que nos esconder juntos enquanto Adam e Juliette tentavam achar um carro—que percebi onde estávamos. Eu dei uma olhada ao redor daqueles terrenos e vi aquele lugar pelo o que era.

Todas aquelas crianças.

James teve mais sorte do que as outras crianças—não apenas tinha um parente vivo, como também tinha um parente que morava perto, alguém que podia mantê-lo em um apartamento particular. Mas quando perguntei a James sobre sua “escola” e seus “amigos” e sobre Benny, a mulher que deveria lhe trazer regularmente as refeições do governo, obtive todas as respostas que precisava.

James dormia em sua própria cama à noite, mas passava seus dias em um orfanato, com outras crianças órfãs. Adam pagou a Benny um pouco mais para ficar de olho em James, mas, no final das contas, sua lealdade era com o salário. No final do dia, James era um garoto de dez anos que morava sozinho.

Talvez seja por isso que sinto que entendo Adam. Por que eu luto por ele, mesmo quando ele é um idiota. Ele sai como um cara furioso e explosivo—e às vezes ele realmente é um babaca—mas deve ser difícil ver seu irmão mais novo morar sozinho em um complexo para crianças torturadas e abandonadas. Ele lentamente matou sua alma por ver um garoto de dez anos soluçar e gritar no meio da noite porque seus pesadelos continuam piorando, e não importa o que você faça, você não consegue melhorar isso.

Eu vivi com Adam e James por meses. Eu vi o ciclo todas as noites. E eu assisti, toda noite, enquanto Adam tentava acalmar James. Como ele agitava seu irmãozinho em seus braços até o sol nascer. Eu acho que James está finalmente se saindo melhor, mas às vezes eu não tenho certeza se Adam vai se recuperar dos golpes que ele recebeu. É óbvio que ele tem Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Eu não acho que ele dorme mais. Eu acho que ele está lentamente perdendo a cabeça.

E às vezes me pergunto—

Se eu tivesse que viver com isso todos os dias, eu me pergunto se isso me enlouqueceria também.

Porque não é a dor insuportável. É a falta de esperança. É a falta de esperança que faz você imprudente.

Eu saberia.

Levou apenas duas horas no orfanato antes que eu percebesse que não podia mais confiar em adultos, e quando Castle me encontrou em fuga—um garoto de 9 anos tentando se manter aquecido em um carrinho de compras ao lado da estrada—eu estava tão desiludido com o mundo que pensei que nunca me recuperaria.

Demorou muito tempo para Castle conquistar minha confiança completamente; no começo, passei todo o meu tempo livre escolhendo portas trancadas e escondendo as coisas dele quando eu achava que ele não estava

olhando. No dia em que ele me encontrou, sentado em seu armário, inspecionando o conteúdo de um antigo álbum de fotos, eu tinha tanta certeza de que ele bateria com um taco nas minhas costas que eu quase estraguei minhas calças. Eu estava apavorado, inconscientemente piscando dentro e fora da invisibilidade. Mas em vez de gritar comigo, ele se sentou ao meu lado e perguntou sobre minha família; eu só disse a ele que eles estavam mortos. Ele queria saber agora se eu queria contar o que aconteceu. Eu balancei a cabeça repetidamente. Eu não estava pronto para conversar. Eu não acho que estava pronto para falar.

Ele não ficou com raiva.

Ele nem parecia se importar que eu tinha saqueado seus pertences pessoais. Em vez disso, ele pegou o álbum de fotos no meu colo e me contou sobre sua própria família.

Foi a primeira vez que o vi chorar.

Seis

Quando finalmente encontrei Castle, ele não estava sozinho. E ele não estava bem.

Nazeera, Haider, Warner e Castle estão saindo de uma sala de conferências ao mesmo tempo, e apenas os irmãos parecem não estar prestes a vomitar.

Eu ainda estou respirando com dificuldade, tendo acabado de descer seis lances de escada, e pareço sem fôlego quando digo: — O que está acontecendo? — Eu aceno para Warner e Castle. — Por que vocês dois parecem tão assustados?

— Vamos discutir isso mais tarde. — Castle diz calmamente. Ele não vai olhar para mim.

— Eu tenho que ir. — diz Warner, e dispara. No final do corredor e além, longe.

Eu o vejo sair.

Castle também está prestes a desaparecer, mas eu agarro o braço dele.

— Ei. — eu digo, forçando-o a encontrar meus olhos. — As meninas precisam falar com você. É grave.

— Sim. — diz ele, e ele parece tenso. — Acabei de ver todas as mensagens delas. Tenho certeza de que podem esperar até depois do simpósio. Eu preciso de um minuto para—

— Não pode esperar. — Eu seguro seu olhar. — É *grave*.

Finalmente, Castle parece entender a gravidade do que estou tentando transmitir. Seus ombros endurecem. Seus olhos se estreitam.

— Nouria. — eu digo.

E Castle parece tão atordoado que temo que ele caia.

— Eu não traria uma mensagem de merda para você, senhor. Vai. Agora. Elas estão esperando na ala médica.

E então ele também se foi.

— Quem é Nouria?

Eu olho para cima para ver Haider me estudando curiosamente.

— Seu gato. — eu digo.

Nazeera luta contra um sorriso.

— Castle recebeu uma mensagem urgente de seu gato?

— Eu não sabia que ele tinha um gato. — diz Haider, franzindo as sobrancelhas. Ele tem um leve sotaque, ao contrário de Nazeera, mas seu inglês é impecável. — Eu não vi nenhum animal na base. Vocês têm permissão para manter animais como animais de estimação no Setor 45?

— Não. Mas não se preocupe, é um gato invisível.

Nazeera tenta e não consegue segurar uma risada. Ela tosse forte. Haider olha para ela, confuso, e eu assisto o momento em que ele percebe que estou zoando com ele.

E depois—

Ele olha para mim.

— *Hemar*.

— O que você disse?

— Ele acabou de te chamar de bundão. — explica Nazeera.

— Uau. Agradável.

— *Hatha shlon damaghsiz*. — diz Haider a sua irmã. — Vamos lá.

— Ok—espere— *isso* soou como se fosse um elogio.

— Não. — Nazeera sorri mais. — Ele acabou de dizer que você é um idiota.

— Legal. Bem, fico feliz em aprender todas essas palavras importantes em árabe.

Haider balança a cabeça, indignado.

— Isso não foi feito para ser uma lição.

Eu olho para ele por um momento, genuinamente perplexo.

— Seu irmão não tem senso de humor, hein? — Eu digo para Nazeera.

— Ele não é bom com sutileza. — diz ela, ainda sorrindo para mim. — Você tem que bater na cabeça dele com uma piada ou ele não entende.

Eu coloco a mão sobre o meu coração.

— Uau, sinto muito. Isso deve ser tão difícil para você.

Ela ri, mas rapidamente morde o lábio para matar o som. E ela parece séria quando diz — Você não tem ideia.

Haider franze a testa.

— Do que você está falando?

— Você entende o que eu quero dizer? — Ela diz.

Eu rio, olhando em seus olhos por apenas um segundo a mais.

Haider me lança um olhar assassino.

Eu tomo isso como minha deixa para sair.

— Tudo bem, sim. — eu digo, e respiro fundo. — É melhor eu ir embora. O

simpósio começa em... — olho para o meu relógio; meus olhos se arregalam — trinta minutos. Merda. — Eu olho para cima. — Tchau.

Essa coisa é uma *cena*.

Há cerca de seiscentos comandantes e regentes—oficiais no mesmo nível que Warner—na plateia, e o lugar está agitado. As pessoas ainda estão se acomodando, ocupando seus lugares, e Juliette está no pódio. O grupo de nós está de pé atrás dela, no palco com ela, e eu não vou mentir—parece um pouco arriscado. Somos alvos perfeitos para qualquer psicopata que possa aparecer com uma arma. Nós tomamos precauções, é claro—ninguém deve ser permitido aqui com qualquer tipo de arma—mas isso não significa que isso não possa acontecer. Mas todos nós concordamos que ficar unidos assim enviaria uma mensagem mais forte. As garotas continuaram na base—decidimos que seria melhor que elas ficassem em segurança por tempo suficiente para nos salvar se nos machucássemos—e James e Adam são MIA. Castle disse que Adam não quer mais participar de nada nem mesmo remotamente hostil.

Não a menos que ele precise.

Entendi.

Nos meus momentos menos caridosos, posso chamá-lo de covarde, mas entendo. Eu também recusaria, se pudesse. Eu só não sinto que posso.

Ainda tenho muita vontade de morrer.

De qualquer forma. Juliette é praticamente invencível, então, enquanto ela mantiver sua energia, ela deve ficar bem. O resto de nós é vulnerável—mas ao primeiro sinal de perigo nós devemos nos espalhar. Estamos muito em desvantagem para lutar; nossa melhor chance de sobrevivência é espalhar-se, espalhar-se longe.

Esse é o plano.

Esse é o maldito plano.

Nós mal tivemos tempo para falar sobre o plano, porque tudo tem sido tão insano ultimamente, mas Castle nos deu uma rápida conversa antes de subir ao palco, e foi isso. Isso era tudo que íamos conseguir. Um rápida *boa sorte e espero que você não morra*.

Estou definitivamente nervoso.

Eu mudo meu peso, sentindo-me subitamente inquieto, enquanto a multidão fica parada. É um mar de rostos militares, as icônicas faixas vermelhas/verdes/azuis do Restabelecimento estampadas em todos os uniformes. Eu sei que eles são pessoas comuns—sangue, tripas e ossos—mas eles se parecem com máquinas. E eles viram a cabeça para cima ao mesmo tempo, os olhos piscando em uníssono quando Juliette começa a falar.

É assustador como o inferno.

Nós sempre soubemos que ninguém fora do Setor 45 aceitaria de bom grado Juliette como sua nova comandante suprema, mas é assustador testemunhar pessoalmente. Eles claramente não têm nenhum respeito por Juliette, e enquanto ela fala sobre seu amor pelo povo, pelos homens e mulheres que trabalham duro, cujas vidas foram despojadas de partes, eu posso vê-los se esforçando para conter sua raiva. Há uma razão para que muitos ainda sejam leais ao Restabelecimento—a prova disso está bem aqui, nesta sala. Essas pessoas são pagas melhor. Eles recebem vantagens, privilégios. Eu nunca teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos, mas uma vez que você vê as coisas que as pessoas estão dispostas a fazer por uma tigela extra de arroz, você não pode desassociar. O

Restabelecimento mantém seus superiores felizes. Eles não precisam se misturar com as massas. Eles conseguem manter suas roupas e morar em casas reais em território não regulamentado.

Esses homens e mulheres zombando de Juliette enquanto ela fala—eles não querem sua versão do mundo. Eles não querem perder sua posição e os privilégios que essa classificação oferece.

Tudo o que ela está dizendo sobre os fracassos do Restabelecimento, sobre a necessidade de recomeçar e dar às pessoas de volta suas casas, suas famílias, suas *vozes*— Suas palavras são uma ameaça ao seu sustento.

Então não é nenhuma surpresa para mim quando a plateia decide que já teve o suficiente. Sinto sua inquietação se tornando mais selvagem quando ela fala, e quando alguém de repente se levanta e grita com ela— *tira sarro dela*—temo que isso não termine bem. Juliette mantém a calma, continua falando enquanto mais deles se levantam e gritam. Eles estão sacudindo os punhos e exigindo que ela seja removida do pódio, exigindo que ela seja executada por traição, exigindo que ela seja aprisionada, no mínimo, por falar contra o Restabelecimento, mas sua voz dificilmente pode ser ouvida sobre a multidão.

E então ela começa a gritar.

Isto é ruim. Isso é realmente muito ruim, e meus instintos estão me dizendo para entrar em pânico, que isso só terminará em derramamento de sangue. Eu estou tentando olhar em volta e ainda manter a calma, mas quando a Warner me chama a atenção eu sei, imediatamente, que ele entende. Estamos ambos pensando a mesma coisa: Abortar a missão.

Dar o fora daqui o mais rápido possível.

E depois—

— Isso foi uma emboscada. Diga ao seu grupo para correr.

Agora.

Eu giro em torno de um movimento exagerado, tão assustado que quase perco o equilíbrio. Eu estou ouvindo Nazeera. Eu estou ouvindo *Nazeera*. Tenho certeza de que estou ouvindo a voz dela. O

problema é que eu não a vejo em nenhum lugar.

Eu estou morrendo? Eu devo estar morrendo.

— *Kenji.* Escute-me.

Eu congelo no lugar.

Eu posso sentir o calor do seu corpo subindo contra o meu. Eu posso sentir sua boca no meu ouvido, o sussurro suave de sua respiração contra a minha pele. Jesus. Eu sei como isso funciona.

Eu *inventei* essa merda.

— Você está invisível. — eu digo, tão baixinho que mal movo meus lábios.

Eu sinto o cócegas de seu cabelo contra o meu pescoço enquanto ela se inclina mais perto, e eu tenho que reprimir o desejo de tremer. É tão estranho. Tão estranho sentir tantas emoções ao mesmo tempo. Terror, medo, preocupação, desejo. É confuso. E a mão dela está no meu braço quando ela diz: — Eu estava esperando explicar mais tarde. Mas agora você sabe. E agora você tem que correr.

Merda.

Eu me viro para Ian, que está parado à minha esquerda, e digo: — É hora de sair, cara. Vamos lá.

Ian olha para mim, seus olhos se arregalam por uma fração de segundo, e então ele agarra a mão de Lily e grita: — Corra—CORR—

O som de um tiro abre um momento de silêncio.

Parece movimento lento. Parece que o mundo desacelera, se vira de lado e se vira para trás. De alguma forma, acho que posso ver a bala se mover, rápida e forte, bem na cabeça de Juliette.

Atinge a sua marca com um baque surdo.

Mal estou respirando. Estou além de fingir que não estou apavorado. A merda ficou real, super rápida, e eu não tenho ideia do que está prestes a acontecer. Eu sei que preciso me mover, preciso dar o fora daqui antes que as coisas piorem, mas— eu não sei por que, mas não consigo convencer minhas pernas a trabalhar. Não consigo me convencer a desviar o olhar.

Ninguém pode.

A multidão foi rapidamente morta depois. As pessoas estão olhando para Juliette como se não acreditassem nos rumores. Como se quisessem saber se era realmente verdade que essa garota de dezessete anos poderia assassinar o tirano mais intimidador que esta nação já conheceu, e então ficar na frente de uma multidão e tirar uma bala de sua testa depois de uma tentativa de assassinato,

procurando por todo o mundo como se a experiência não fosse mais irritante do que golpear uma mosca.

Suponho que agora eles sabem que os rumores são verdadeiros.

Mas Juliette parece subitamente mais que aborrecida. Ela parece surpresa e furiosa enquanto olha para a bala arruinada na palma da mão. Deste ponto de vista, parece uma moeda mutilada. E

então, enojada, ela a joga no chão. O som do metal batendo na pedra é delicado. Elegante.

E depois—

É isso aí. Todo mundo ficou louco.

As pessoas perderam suas malditas mentes. A multidão está em pé, rugindo ameaças e obscenidades, e todos eles puxam armas de seus corpos e eu estou pensando, *onde diabos eles conseguiram? Como tantos deles conseguiram passar? Quem é a nossa toupeira?*

Mais tiros cortam o ar.

Eu xingo, alto, e me movo para derrubar Castle no chão—e então eu ouço. Eu *ouço* antes de ver. O suspiro surpreso. O baque pesado. As reverberações do palco sob meus pés.

Brendan está no chão.

Winston está soluçando. Desesperadamente, eu empurro meus colegas de equipe, caindo de joelhos para avaliar a ferida. Brendan foi baleado no ombro. Alívio afunda meu corpo. Ele ficará bem.

Eu lanço o frasco de vidro em Winston e digo a ele para forçar um pouco a garganta de Brendan, digo a ele para pressionar a ferida e lembro-o que Brendan vai ficar bem, que só precisamos levá-lo para Sonya e Sara—e então eu me lembro.

Eu lembro.

Eu conheço essa garota.

Eu olho para cima, entro em pânico e grito: — Juliette, NÃO—

Mas ela já perdeu o controle.

Sete

Ela está gritando.

Ela está apenas gritando palavras, eu acho. São apenas *palavras*. Mas ela está gritando, gritando no topo de seus pulmões, com uma agonia que parece quase um exagero, e está causando devastação que eu nunca soube ser possível. É como se ela simplesmente implodisse.

Não parece real.

Quer dizer, eu sabia que Juliette era forte—e eu sabia que não descobrimos a profundidade de seus poderes—mas nunca imaginei que ela fosse capaz disso.

Disso:

O teto está se abrindo. Correntes sísmicas estão subindo pelas paredes, atravessando o chão, batendo nos meus dentes. O chão está roncando sob meus pés. As pessoas estão congeladas no lugar enquanto se agitam, a sala vibrando ao redor delas. Os candelabros balançam rápido demais e as luzes tremeluzem ameaçadoramente. E então, com uma última vibração, três dos enormes candelabros se soltam do teto e se estilhaçam ao cair no chão.

Cristal voa em todos os lugares. A sala perde metade da luz e, de repente, é difícil ver exatamente o que está acontecendo. Eu olho para Juliette e a vejo encarando, boquiaberta, congelada ao ver a devastação, e percebo que ela deve ter parado de gritar um momento atrás. Ela não pode parar isso. Ela já colocou a energia no mundo e agora—tem que ir a algum lugar.

Os tremores ondulam com renovado fervor pelas tábuas do assoalho, rasgando novas rachaduras nas paredes, nos assentos e nas *pessoas*.

Eu realmente não acredito até ver o sangue. Parece falso, por um segundo, todos os corpos flácidos nos assentos com o peito aberto. Parece encenado—como uma piada de mau gosto, como uma produção de teatro ruim. Mas quando o sangue chega, pesado e viscoso, se infiltrando em roupas e estofados, pingando em mãos congeladas, sei que nunca vamos nos recuperar disso.

Juliette acabou de assassinar seiscentas pessoas ao mesmo tempo.

Não há como se recuperar disso.

Oito

Eu empurro meu caminho através dos corpos quietos, atordoados e ainda respirando de meus amigos. Eu ouço os choramingos suaves e insistentes de Winston e a resposta firme e tranquilizadora de Brendan de que a ferida não é tão ruim quanto parece, que ele vai ficar bem, que ele passou por algo pior do que isso e sobreviveu— E sei que minha prioridade agora precisa ser Juliette.

Quando chego a ela, a puxo para meus braços, e seu corpo frio e indiferente me lembra a vez em que a encontrei de pé sobre Anderson, uma arma apontada para o peito dele. Ela estava tão aterrorizada— *tão surpresa*—pelo que fizera que mal conseguia falar.

Ela parecia ter desaparecido em algum lugar, como se tivesse encontrado uma pequena sala em seu cérebro e se trancado dentro dela. Demorou um minuto para convencê-la a sair de novo.

Ela nunca tinha matado ninguém naquela época.

Eu tento aquecer algum sentido nela novamente, implorando a ela agora para voltar a si mesma, para voltar a sua mente, para o momento presente.

— Eu sei que a merda é louca agora, mas eu preciso que você saia dessa, J. Acorde. Saia da sua cabeça. Temos que sair daqui.

Ela não pisca.

— Princesa, por favor. — eu digo, sacudindo-a um pouco. — Nós temos de ir — *agora*— E quando ela ainda não se move, eu acho que não tenho escolha senão movê-la eu mesmo. Eu começo a puxar para trás. Seu corpo flácido é mais pesado do que eu esperava, e ela faz um pequeno som de chiado que é quase como um soluço. O medo brilha nos meus nervos. Eu aceno para Castle e os outros para irem, para seguir em frente sem mim, mas quando olho em volta, procurando por Warner, percebo que não posso encontrá-lo em lugar nenhum.

O que acontece a seguir arranca o ar dos meus pulmões.

A sala se inclina. Minha visão escurece, clareia e escurece apenas nas bordas em um momento vertiginoso que dura apenas um segundo. Eu me sinto fora do centro. Eu tropeço.

E então, tudo de uma vez—

Juliette se foi.

Não figurativamente. Ela está literalmente sumiu. Desaparecida. Um segundo ela está em meus braços e no outro eu estou me agarrando ao ar. Eu pisco rápido, convencido de que estou perdendo a cabeça, mas quando olho em volta da sala, vejo os as pessoas da plateia começarem a se mexer. Suas camisas estão rasgadas e seus rostos estão arranhados, mas ninguém parece estar morto. Em vez disso, eles começam a ficar de pé, confusos, e assim que começam a se mexer, alguém me empurra com força. Eu olho para cima para ver Ian me xingando, me dizendo para me mexer enquanto ainda temos uma chance, e eu tento me afastar, tentando dizer a ele que perdemos Juliette—que eu não vi Warner—e ele não me ouve, apenas me força para a frente, fora do palco, e quando ouço o murmúrio da multidão crescer em um rugido, eu sei que não tenho escolha.

Eu tenho que ir.

Sobre a Autora



Foto por Tana Gandhi

TAHEREH MAFI é a autora best-seller do *New York Times* e do *USA Today* da série Shatter Me, *Furthermore*, e *Whichwood*. Ela facilmente ser encontrada com overdose de cafeína e presa em um livro.

Você pode achá-la online em qualquer lugar @TaherehMafi ou em www.taherehbooks.com.

Descubra grande autores, ofertas exclusivas e mais em hc.com.

Livros de Tahereh Mafi

Estilhaça-me
Liberta-me
Incendeia-me

Destrua-me
Fragmenta-me

Estilhaça-me Coleção Completa

Restaura-me
Defy Me

Shadow Me

A Very Large Expanse of Sea

Back Ad



DISCOVER
your next favorite read

MEET
new authors to love

WIN
free books

SHARE
infographics, playlists, quizzes, and more

WATCH
the latest videos

www.epicreads.com

Copyright

SHADOW ME. Copyright © 2019 by Tahereh Mafi. All rights reserved under International and Pan-American Copyright Conventions. By payment of the required fees, you have been granted the nonexclusive, nontransferable right to access and read the text of this e-book on-screen. No part of this text may be reproduced, transmitted, downloaded, decompiled, reverse-engineered, or stored in or introduced into any information storage and retrieval system, in any form or by any means, whether electronic or mechanical, now known or hereafter invented, without the express written permission of HarperCollins e-books.

Digital Edition MARCH 2019 ISBN: 978-0-06-290626-7

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

FIRST EDITION

Sobre a Editora

Australia
HarperCollins Publishers Australia Pty. Ltd.
Level 13, 201 Elizabeth Street
Sydney, NSW 2000, Australia
www.harpercollins.com.au

Canada
HarperCollins Publishers Ltd
Bay Adelaide Centre, East Tower
22 Adelaide Street West, 41st Floor
Toronto, Ontario, Canada
M5H 4E3
www.harpercollins.ca

India
HarperCollins India
A 75, Sector 57
Noida
Uttar Pradesh 201 301
www.harpercollins.co.in

New Zealand
HarperCollins Publishers New Zealand
Unit D1, 63 Apollo Drive
Rosedale 0632
Auckland, New Zealand
www.harpercollins.co.nz

United Kingdom
HarperCollins Publishers Ltd.
1 London Bridge Street
London SE1 9GF, UK

www.harpercollins.co.uk

United States
HarperCollins Publishers Inc.
195 Broadway
New York, NY 10007
www.harpercollins.com